



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DCS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – CIS 483

ANGÉLICA BARROS SILVA

**A CIDADE E SUAS TENSÕES: ASPECTOS SOBRE AS RELAÇÕES DE
VIZINHANÇA EM VIÇOSA - MG**

Viçosa – Minas Gerais

2018

ANGÉLICA BARROS SILVA

**A CIDADE E SUAS TENSÕES: ASPECTOS SOBRE AS RELAÇÕES DE
VIZINHANÇA EM VIÇOSA - MG**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, como exigência da disciplina CIS 483 – Trabalho de Conclusão de Curso II e como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Wescley Silva Xavier

Viçosa – MG

2018

ANGÉLICA BARROS SILVA

**A CIDADE E SUAS TENSÕES: ASPECTOS SOBRE AS RELAÇÕES DE
VIZINHANÇA EM VIÇOSA - MG**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, como exigência da disciplina CIS 483 – Trabalho de Conclusão de Curso II e como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Wesceley Silva Xavier

Prof. Wesceley Silva Xavier - Orientador
(UFV)

Prof. Diogo Tourino de Sousa
(UFV)

Prof. Douglas Mansur da Silva
(UFV)

“O fascínio da sociologia está no fato de que sua perspectiva nos levar a ver sob nova luz o próprio mundo em que todos vivemos. Isso também constitui uma transformação da consciência”

Peter L. Berger

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e conforto em meio aos desafios e dias de aflição, eu sei que o Teu caminho é melhor do que o meu, Tua visão vai além do que eu vejo e o Senhor sabe exatamente o que é melhor para mim.

A meus pais, Ricardo e Monalisa, pelo imenso amor, por acreditarem em mim e estarem ao meu lado a todo momento. O orgulho que vocês têm por mim me sustentou nos momentos mais difíceis e me estimulou a buscar a excelência em tudo que eu faço.

Ao meu irmão, Adriano, pelo carinho, companheirismo e apoio. Obrigada por me direcionar ao curso de Ciências Sociais e à Universidade Federal de Viçosa.

A toda minha família, pelo incentivo e dedicação, em especial aos meus padrinhos, Rogério e Renata, pela preocupação e zelo e ao meu tio Roberto, pelos conselhos e incentivos, por ser minha inspiração e referência acadêmica.

Aos meus amigos de Ipatinga, que mesmo distantes, são essenciais na minha vida, em especial a Dóris, Daniel, Thais, Isabella, Guilherme Mol, Augusto e Pedro.

Aos meus amigos de curso, pela alegria, momentos de descontração e carinho, em especial aos companheiros de CIS 2013, Layra, Júnior, Mariane, Maxwell, Bruna e Larissa.

Às minhas eternas amigas de república, Larissa, Lorena, Beatriz, Maria Beatriz, Maria Rita e Sâmara, por me toleraram e alegrarem meu dia a dia.

Às amigas que eu fiz durante a graduação, por meio da Rede CsF, da AIESEC, do CELIN e outras atividades externas, pelo carinho, apoio e preocupação, em especial ao Mateus, Thairine, Carlos Júnior, Felipe, Guilherme Salvador, Otávio, Gustavo, Guilherme Gabriel, Lucas e Anna Adas.

Aos meus amigos de intercâmbio, que fizeram parte de uma das melhores experiências da minha vida, em especial a Amanda e a Marilu.

Aos funcionários da UFV, pela enorme contribuição em minha vida pessoal e profissional, em especial a Elisa, Marcelo Lino, Ivani e Vanda.

Aos professores do Departamento de Ciências Sociais, por todo ensinamento.

Por fim, agradeço ao professor Wesceley, pela dedicação e orientação, pela paciência e por contribuir profundamente no meu desenvolvimento acadêmico.

RESUMO

O presente trabalho aborda a questão da percepção e uso do espaço pelos moradores nativos de Viçosa e pelos moradores de repúblicas estudantis, tendo como objetivo geral analisar como essa apropriação reflete na relação de vizinhança conflitante entre eles. Como forma de efetivar o objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, através de dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. Trata-se de uma pesquisa composta por uma amostra intencional, por isso delimitou-se um filtro fundamentado nos entrevistados que possuíam as características de interesse para o estudo, sendo estes, moradores nativos da cidade que tiveram conflitos com repúblicas devido à perturbação do sossego e moradores e ex-moradores de repúblicas conhecidas por realizarem festas estudantis. A análise se deu pela percepção acerca da incompatibilidade dos sentidos de usos do espaço. Pode-se constatar a relevância do contexto analisado, tendo em vista sua estrutura socioespacial, que desenvolve-se principalmente em torno da universidade, fato que explica a relação precária dos estudantes com a cidade e com os demais moradores, além disso, por ser uma cidade essencialmente universitária, compreende uma população flutuante significativa de jovens estudantes, que possuem rotinas e práticas sociais peculiares, capazes de perturbar e ameaçar a ordem estabelecida, contribuindo assim, para a falta de integração na vizinhança.

Palavras chaves: Espaço; Apropriação; Vizinhança; República estudantil; Conflito.

ABSTRACT

The study approaches the space perception and affection attach for the Viçosa's native householders and students living in student houses, having a general analysis object how this appropriation reflect in a conflict neighborgood relation. As a way of accomplishing the proposed objective, a technique for qualitative research was used through semi-structures interviews. This research consists in an intentional sampling, hence the interviews were made with people that own characteristics. In other words, native dwellers that had trouble with student houses due to disturbance of the peace and student houses residents and ex-residents well known as student's party place. The analyzes was made considering the meaning's incompatibility land uses. As a result, we have the he relevance of the analyzed context is based in the socio-spatial structure that develops mainly around the university, and this fact explains the precarious relationship between the students with the city and its residents. In addition, the context studied has a significant fluctuating population of young students, with peculiar social routines and practices, capable of disturbing and threatening the urban order, contributing to the lack of integration in the neighborhood.

Keywords: Social space; Appropriation; Neighborgood; Student houses; Conflict.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Registro de desordem – Viçosa, MG.....	34
Gráfico 2 – Ano do registro de desordem.....	36
Tabela 1 – Registro de desordem: região e recorrência.....	35
Tabela 2 – Locais com reincidência de perturbação.....	36
Tabela 3 – Edificações verticais construídas na área central de Viçosa (MG) entre as décadas de 1970 e 2007.....	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 Cidades, lugares e identidades	14
2.2. Modernidade e o individualismo.....	17
2.3. Condição de vizinhança como sociabilidade estabelecida.....	20
2.4. Caráter normativo da vizinhança.....	25
2.5. Contexto de uma cidade universitária	27
3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	29
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
4.1 Registros de desordem em Viçosa	34
4.2. Percepções da cidade de Viçosa	37
4.3. O estudante universitário como “o outro”	44
4.4. O uso da cidade pelos estudantes universitários	48
4.4.1. Repúblicas estudantis: espaço físico do universitário na cidade	48
4.4.2. Repúblicas como locais de festas.....	49
4.4.3. A república como espaço de desenvolvimento e contestação.....	55
4.5. A cidade como um local de conflito	58
4.5.1. Incompatibilidade dos sentidos de usos: o conflito com as repúblicas que fazem festas	58
4.6. A relação dos moradores de república com a vizinhança	64
4.7. Sugestões para o enfrentamento dos conflitos	66
4.8. A lei que regulamenta os eventos em Viçosa	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXO A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	81

1. INTRODUÇÃO

Espaços geográficos são configurações que abrangem tanto as estruturas físicas quanto as relações sociais. Compreende-se como estrutura física os elementos naturais e os elementos construídos, ou seja, da natureza propriamente dita e de natureza artificial, fabricado pelo homem. Já as relações sociais, dizem respeito a todo tipo de interação realizada pelos indivíduos, como trocas, deslocamentos, diálogos, contatos e etc. As estruturas fixas são utilizadas a todo momento como um meio de encontro e desencontro dos indivíduos, estabelecendo uma interação constante entre estes fixos e fluxos (SANTOS, 2006).

Normativamente, a cidade é um espaço considerado como *lócus* delimitado geograficamente, viabilizando a mensuração quantitativa de sua dimensão territorial. No entanto, ela é sobretudo o produto da relação indissociável entre a paisagem, distribuída a partir de formas e objetos concretos, e as relações sociais, permeada por signos, normas e condutas estabelecidas pelos indivíduos inseridos naquele contexto. Nesse sentido, a cidade é considerada como abstração do resultado da interação dos fixos e fluxos.

Essa interação faz com que a cidade seja um local substancialmente plural, de multiplicidade, de diversidade de acontecimentos e processos, de expressão das desigualdades e tensões sociais. Está em constantes mudanças, pois é continuamente moldada pelas trajetórias humanas, que ressignificam e apropriam-se dela como forma de intervenção e reconstrução dos modos de vida instituídos. Compreende-se a cidade como um espaço de caráter inter-relacional, impregnada de significações e simbolismos que estruturam os sistemas classificatórios e estabelece hierarquias (SILVA, 2017). Portanto, o espaço citadino envolve tanto relações de alteridade quanto convergências de usos.

As relações de alteridade evidenciam as múltiplas concepções e lógicas de uso do espaço, desencadeando disputas quanto a representação dominante e constituindo preceitos que diferenciam os indivíduos, considerados como estigmas sociais. Em contrapartida, a ocupação e apropriação dos espaços quando compatível entre os cidadãos, corresponde à convergência de uso, que favorece a

existência de vínculos indenitários, individuais e coletivos, gerando uma vida comunitária e estabelecendo uma sociabilidade entre os envolvidos.

Partindo para uma reflexão micro, as cidades dispõem de um território compartilhado que pressupõe a sociabilidade devido à proximidade física dos indivíduos, que é a vizinhança. Os estudos sobre as relações de vizinhança possibilitam a compreensão do desenvolvimento das sociabilidades estabelecidas, do sentido de coletividade e comunidade, das estruturas sociais, da importância de uma convergência de sentido e uso dos espaços, mas também, para a percepção e compreensão dos comportamentos diante à alteridade, pois a condição de vizinho prevê, tanto normativamente quanto organicamente, a convivência entre esses indivíduos. Entretanto, o fazer parte do espaço físico cotidiano não é condicionante para o estabelecimento de práticas sociais semelhantes e para convergência da percepção e do uso dos espaços, característica que reflete a estrutura social que reverbera nas cidades e intensifica-se na modernidade.

A estrutura social moderna transforma a dinâmica da cidade na medida em que há uma mudança em relação aos elementos interacionais estabelecidos. A dialética de lugar *versus* espaço é concebida a partir de uma nova interpretação, a compressão do tempo-espaço, que simboliza a superação das barreiras espaciais devido ao conjunto de mudanças provindas do desenvolvimento e intensificação dos usos dos meios de comunicação e transporte (MASEY, 2000), estabelecendo um sentido de espaço global que estimula novas maneiras de se pensar e vivenciar o contexto social. Os indivíduos atualmente dispõem da facilidade e liberdade de movimento, em virtude do desenvolvimento dos meios de transporte que favorecem a rápida mobilidade, com isso o sentimento de velocidade e pressa. Já os avanços tecnológicos, principalmente dos meios de comunicação, permitem que o indivíduo esteja conectado a todo momento em âmbito global, criando um tipo de relação social que transcende a dimensão corpórea humana.

Na modernidade, os fixos do espaço estão cada vez mais artificiais, substituídos por uma natureza estritamente humanizada e presos ao solo, há uma intensa produção e desenvolvimento de objetos técnicos, mecanizados e sobretudo cibernéticos, e os fluxos, estão cada vez mais diversificados, numerosos e rápidos (SANTOS, 2006). Com isso, há uma redefinição das relações sociais e da interação

com o espaço, resultando na intensificação do sentimento de liberdade, individualismo e narcisismo dos cidadãos.

Na medida em que há uma maior liberdade individual, racionalização e objetificação da vida (SIMMEL, 2005[1903]), os cidadãos passam a valorizar sua moral, independência e autonomia, buscando cada vez mais se desassociarem perante o social e perante a ordem coletiva. Tem-se a percepção de que o indivíduo moderno não necessita fazer parte de um coletivo para sua sobrevivência, pois a racionalidade instrumental, efetivada pela dimensão da vida material, se sobrepõe ao sentimento comunitário e espontâneo, refletindo nos vínculos sociais produzidos nos espaços compartilhados.

O contexto ao qual a pesquisa é realizada, trata-se de uma cidade que possui uma configuração socioespacial urbana peculiar, pois abriga uma Universidade reconhecida em âmbito nacional e internacional, conferindo-lhe o *status* de uma das melhores instituições do país devido à produção de um conhecimento científico altamente legitimado. Dessa forma, tem-se um espaço constituído por uma população flutuante significativa, principalmente de estudantes universitários, que se mudam provisoriamente para a cidade em virtude das atividades acadêmicas.

Tendo em vista as questões relacionadas à modernidade e ao espaço citadino mencionadas anteriormente, percebe-se a cidade de Viçosa como um contexto local relevante para o objetivo central deste estudo, que é compreender a percepção e o uso do espaço pelos moradores nativos e pelos estudantes universitários, com isso, analisando como essa apropriação reflete em uma relação conflitante de vizinhança estabelecida entre eles, tendo como recorte moradores nativos da cidade que tiveram conflitos com repúblicas devido a perturbação do sossego e moradores e ex-moradores de repúblicas conhecidas por realizarem festas estudantis. Dentre os objetivos específicos, cabe destacar:

- analisar o espaço físico dos estudantes universitários disposto pelas repúblicas estudantis, especificamente aquelas que são conhecidas por realizarem festas;

- analisar a dinâmica de uma cidade universitária que possui uma população significativa de jovens forasteiros;
- compreender algumas as regras sociais legitimada pelos moradores nativos e pelos estudantes universitários;
- compreender quais são as características que auxiliam na construção de vínculos socioespaciais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse capítulo, exploraremos alguns elementos teóricos fundamentais que auxiliaram na compreensão e sustentação dos temas pesquisados. Estruturado em cinco seções, a primeira *“Cidades, lugares e identidade”* (2.1) teve como objetivo evidenciar a cidade como um lugar de produção histórica e estruturação do ser humano, gerando vínculos simbólicos e identitários. Em *“Modernidade e individualismo”* (2.2), procurou-se explorar discussões acerca da modernidade e as implicações que ela traz aos indivíduos que modificam seu comportamento ao se adequarem à nova lógica de estrutura social e espacial.

Em *“Condição de vizinhança como sociabilidade estabelecida”* (2.3), explorou-se a ideia de vizinhança como um local objetivamente de convivência entre os indivíduos, por compartilharem um espaço comum, e ainda se discute as condições para a criação de vínculos entre vizinhos e os desdobramentos dessa criação ou não criação. Já em *“Caráter normativo da vizinhança”* (2.4), situa-se a relação entre vizinhos determinada pelo Código Civil, que pressupõe a harmonia e o bem-estar dos moradores. Por fim, visando a compreensão do contexto trabalhado, desenvolveu-se a seção *“Contexto de uma cidade universitária”* (2.5) que analisou brevemente a dinâmica de uma cidade universitária e o conflito marcante com as moradias estudantis.

2.1 Cidades, lugares e identidades

As estruturas da cidade são sistematizadas pelas dimensões do público e do privado, compreendidos pela distinção entre a casa e a rua. A casa é associada a relação familiar, permeada pela informalidade, pessoalidade e pela vida particular (DA MATTA, 1978). Já a rua, é caracterizada pelo encontro da alteridade, pelas relações formais e contratuais, que gerenciam o convívio e a interação dos indivíduos, que a princípio não dispõem de outro laço de união além da semelhança enquanto cidadãos (SANTOS, VOGEL e MELLO, 1985).

Para compreender como se estabelece o vínculo entre o indivíduo e a cidade, partimos da definição de cidade de Lefebvre, conceituando-a como uma “projeção da sociedade sobre o local” (2001, p.56), que para além da ocupação

física, é percebida e concebida pelo imaginário do indivíduo. Com isso, o autor considera que a cidade possui uma dimensão subjetiva que também integra a produção e construção do espaço.

A cidade enquanto lugar de estruturação da vida humana é pautada na significação e no vínculo do espaço estabelecido pelos cidadãos. Diante disso, consideramos que ela é o reflexo de como vivem os indivíduos, que produzem e reproduzem o espaço orientados pelas suas emoções, pensamentos, ações e pela razão (VIALLI, 2006). Sendo assim, é necessário compreender a cidade enquanto uma prática, que para além de ser o cenário da ação humana é também a representação desta ação (POLLICE, 2010), pois os sujeitos percebem e atribuem sentido à cidade a partir do seu envolvimento com ela.

Os cidadãos, ao mesmo tempo em que constroem vínculos com o meio, constituem suas identidades, sejam elas individuais ou coletivas. Este processo contribui para estabelecer o sentimento de pertencimento com o local (COLARES, 2016). Dessa forma, podemos considerar que os espaços de convívio público podem se transformar em lugares mais ou menos familiares, propícios a abrangerem relações de impessoalidade e informalidade conforme o vínculo estabelecido com o local e entre os indivíduos.

A interação entre a organização moral e a organização física da cidade faz com que ambas se moldem e modifiquem uma a outra. A cidade como reflexo da complexidade das relações entre os cidadãos e o seu meio constitui em um espaço de construção e transformação contínuo, ou seja, um objeto dinâmico e inacabado (PARK, 1938).

Frúgoli (2007) afirma que as cidades contemporâneas favorecem o contato do cidadão com uma multiplicidade de espaços. O ritmo acelerado das cidades faz com que uma grande quantidade de pessoas se encontrem em um curto período de tempo, bem como participem de vários ciclos sociais e desenvolvam uma variedade de papéis conforme o ambiente, temas que serão explorados posteriormente. Em razão dessa dinâmica, o autor considera que o espaço urbano e a relação entre os indivíduos são marcados por múltiplas conexões e desconexões.

No que concerne a dimensão espacial, o paradoxo estabelecido por Frúgoli (2007) pode ser analisado a partir do conceito de lugar e não-lugar desenvolvido

por Marc Augé (2010). O autor aponta que há três dimensões que são fundamentais para a definição de um lugar: ter um caráter idenitário, histórico e relacional. Por serem carregados de símbolos, os lugares podem adquirir um profundo significado atribuído pelo homem, e por isso, como mencionado anteriormente, gerando uma noção de identidade, referência, afeto e, conseqüentemente, sentimento de pertencimento. Considera-se então que a relação do indivíduo com o lugar é ativa na medida em que está ligado com sua vivência e experiência cotidiana.

Leite (2007) defende que os lugares devem ser compreendidos como espaços onde ocorrem uma convergência de sentidos e uma possibilidade de entendimento, em suas palavras “lugares são espaços de convergências simbólicas, que resultam de experiências compartilhada mediante a alguma possibilidade de entendimentos sobre o que significa certo espaço e sobre o que representam certos conteúdos culturais partilhados”. (LEITE, 2007, p. 287-288). E, embora cada indivíduo perceba o mundo de forma diferente e realize leituras distintas acerca do espaço, compreende-se que isso não ocorre isoladamente, haja vista que os preceitos dos grupos sociais ao qual o sujeito tem contato interferem mesmo no ato mais individual. Por isso, percebe-se a importância das articulações sociais para a construção da identidade individual (LAHLOU 2011, *apud* COLARES, 2016).

A caracterização do espaço urbano a partir da dimensão histórica definida por Augé (2010), compreende as cidades como acumulações do tempo na medida em que abriga temporalidades distintas materializadas em um mesmo lugar, contribuindo para a solidificação ou transformação de hábitos, crenças, valores, etc. Ademais, os símbolos do passado possibilitam a conservação da historicidade dos lugares, auxiliando na assimilação da cultura e na compreensão dos significados socialmente estabelecidos. Os espaços são reconhecidos como locais que envolvem “memórias vivas”.

Em oposição aos lugares, Augé (2010) desenvolve a noção de “não lugares”, sendo esses desconexos de símbolos, identidade, além de não conceberem espaço à história. Estão relacionados diretamente com predomínio do presente e do imediatismo, por isso são locais impessoais que não estabelecem um diálogo com o indivíduo. Exemplos de não-lugares são os espaços de rápida circulação, como aeroportos, supermercados, autoestradas, etc., que além de não possuírem

ligação afetiva com o sujeito, possivelmente se relacionam à circulação do capital (COLARES, 2016).

Para Augé (2010), a existência de não-lugares nas cidades é resultado da “supermodernidade”, termo utilizado pelo autor para definir o atual momento do mundo, marcado pela intensificação dos fatores que constituem a modernidade, sendo estes, o sentimento de solidão, a cultura do individualismo, a ilusão de um presente constante devido ao desenvolvimento tecnológico e virtualização do espaço refletindo a nova forma de consumo dos locais, que pressupõe ações movidas por finalidades majoritariamente econômicas.

2.2. Modernidade e o individualismo

Resgatando as análises de conexão e desconexão de Frúgoli (2007) que dialogam e auxiliam na compreensão das características da supermodernidade de Augé (2010), percebe-se que as mudanças do uso do espaço estimulada principalmente pelo fluxo constante e pelo individualismo sustentam uma relação de oposição entre proximidade física e distância social, em outras palavras, os espaços urbanos intensificam o encontro de estranhos a todo momento. Dessa forma, quando os indivíduos estão em circulação, não é raro sentirem estranheza e distanciamento, fatores que fortalecem a condição de impessoalidade e anonimato nos espaços públicos.

A participação das cidades na economia mundial decorrente do capitalismo entrecruza fronteiras, produzindo uma integração do global no local e uma notável mudança na percepção dos preceitos de proximidade e distância. Para além das proximidades corporais viabilizando conexões e desconexões (FRÚGOLI, 2007), surge a possibilidade de encontros que transcendem a condição física. A noção de espaço-tempo se dissolveu para uma “compressão de tempo-espaço” (MASSEY, 2000, p.179), ou seja, nota-se uma superação das barreiras espaciais, decorrente da intensa atuação e desenvolvimento dos sistemas de transporte e dos meios de comunicação. Como exemplo disso, temos o surgimento dos *smartphones*, que permitem a comunicação multimodal, ou seja, a qualquer instante e em qualquer lugar.

Além da fabricação de dispositivos que facilitam o contato multimodal entre pessoas, as cidades contemporâneas proporcionam a conexão do indivíduo com o mundo, pois na nova estrutura social e espacial, as localidades ao mesmo tempo que se opõe à globalidade, se confundem com ela (SANTOS, 2006), tendo como exemplo o ramo alimentício, que possibilita que o indivíduo consuma comidas de outras culturas sem sair do seu país.

Este cenário globalizado de rápida mobilidade, concebido pela lógica do capital e pelas redes de relações que transcendem o contato físico, permite que o indivíduo distribua sua atenção e “viva” ao mesmo tempo em ambientes diversos (PARK, 1967). Nesse sentido, essa multiplicidade, muitas vezes excessiva, em virtude da ausência de identificação sócio-espacial pode provocar uma despersonalização e uma busca por um verdadeiro significado dos lugares (MASSEY, 2000).

A percepção da modernidade e do desenvolvimento dos espaços urbanos aliado ao crescente processo de individualismo e anonimato dos cidadãos, foi exaustivamente analisada por alguns autores, no esforço de compreenderem e entenderem esses fenômenos sociais. Exploraremos algumas dessas concepções adiante.

Prega-se que o individualismo é algo moderno, pois nas sociedades primitivas o fazer parte de um grupo estava diretamente ligado à sobrevivência do indivíduo. Elias (1994) defende que nas sociedades com Estados altamente centralizados e urbanizados, a coesão de grupos enfraquece na medida em que perdem sua função protetora e controladora sobre o indivíduo. Por isso, há uma mudança na conduta dos seres humanos, que passam a não ter opção a não ser criarem cada vez mais sua independência e autonomia em função da redução do contato com grupos que anteriormente eram primordiais para a vida, constituindo assim uma realidade cada vez mais complexa (ELIAS, 1994).

A complexidade do mundo moderno, para Berman (1982), manifesta-se através de contradições e ambiguidades, tendo como exemplo o avanço da tecnologia, considerada simultaneamente libertadora e aprisionadora. Nota-se que, apesar da internet permitir que o indivíduo possua autonomia para acessar

conteúdos variados, realizar pesquisas, conversar com pessoas de diferentes localidades, etc., ao mesmo tempo o aprisiona, visto que pode se tornar um vício, conhecido como *cybervício*, que basicamente configura-se na compulsão à internet.

Este cenário possibilita o questionamento do modo de organização, de viver e de relacionamento dos indivíduos, pois diante de um turbilhão de informações, lançamentos tecnológicos constantes, vida compromissada e ainda predominância dos bens materiais e do capital, tem-se a depressão como o mal do século XXI. O trecho “eu não sei, a cada dia, o que vou amar no dia seguinte... eu vejo apenas fantasmas que rondam meus olhos e desaparecem assim que os tento agarrar” (BERMAN, 1982, p. 18) permite a reflexão de um cenário que é marcado por incertezas e instabilidades, onde os princípios e convicções são constantemente colocadas em xeque, gerando um sentimento de insegurança, de incompletude e inquietude em relação ao futuro, pois o indivíduo se vê diante de uma série de possibilidades.

Bauman (1998) considera que se vive um mal-estar contemporâneo da pós-modernidade, caracterizado na incansável busca pela liberdade, a fim de satisfazer os prazeres individuais. Tendo como consequência, um constante sentimento de incerteza e insegurança, que reflete na sociabilidade dos indivíduos, pois estes passam a ter dificuldades em reconhecer e conviver com a diferença, resultando em uma crescente intolerância e violência.

Essa pós-modernidade é caracterizada por Dupas (2005) como a supremacia do capital sobre o Estado (LOPES, 2008) legitimado pelo livre mercado e pelo sistema capitalista que impõe uma nova lógica econômica, pautada na acumulação de riquezas e lucro, afetando diretamente a estrutura da sociedade e consequentemente as relações sociais, fato que é compreendido e analisado por George Simmel (2005[1903]).

Para elucidar as novas relações sociais e a perda de identidade no mundo moderno Simmel (2005[1903]) estabelece que a vida do indivíduo é pautada por uma dialética entre o mundo exterior e interior, ou seja, pelo objetivismo e subjetivismo. A vida interior dos indivíduos é uma construção cultivada por uma

cadeia de sentidos já estabelecida socialmente. Em outras palavras, é uma subjetividade construída através de uma objetividade já existente. Esta subjetividade no embate com o mundo exterior pode ser repensada e se transformar, bem como ressignificar o mundo externo.

Para o autor, essa dialética se fragmenta na figura do capital e da materialização do mundo, tendo a cidade como *lócus* dessa fragmentação e perda de sentido. O mundo moderno movido pela lógica do dinheiro, pela busca do sucesso monetário e status social, impõe uma vida pautada na intelectualidade, no cálculo, na previsão e na racionalidade. Dessa forma, a vida subjetiva se aprisiona na vida material e se objetiva na figura do dinheiro, provocando a perda de sentido, de sentimento e de espontaneidade, dessa forma intensificando o individualismo e consequentemente o anonimato no espaço citadino.

Stolcke (2001) defende que na ideologia moderna individualista, a valorização do indivíduo advém de sua moral, independência e autonomia, dessa forma ignorando e/ou subordinando a totalidade social. Nesse sentido, compreende-se que o surgimento do individualismo consiste na cegueira perante o social, portanto o “indivíduo moderno se entende como sujeito emancipado do social, livre de toda a ordem coletiva” (tradução livre, 2001, p. 20), estimulando a criação de vínculos afetivos cada vez mais frágeis e propiciando relações impessoais entre os indivíduos.

2.3. Condição de vizinhança como sociabilidade estabelecida

Robert Park (1967) afirma que a mais simples e elementar forma de associação e organização da vida pública é concedida através das relações de vizinhança. Sendo ela uma localidade com sentimentos, tradições e história. A proximidade e o contato entre os vizinhos são fundamentais para se estabelecer sociabilidade, solidariedade e uma identidade comunitária. A vizinhança na organização social e política da cidade é considerada a menor unidade social, existe sem organização formal e visa “dar expressão ao sentimento local face a assuntos de interesse local” (PARK, 1967, p.30).

A vizinhança é considerada uma forma de sociabilidade estabelecida, que se intensifica a partir da proximidade entre as pessoas envolvidas. Conceitualmente, a palavra 'vizinho' enquanto adjetivo, remete ao que está próximo ou perto, e como substantivo, indivíduo que reside perto de nós (LEVY *et al.*, 2011).

A “condição de vizinhança” pressupõe um território compartilhado, composto por uma interdependência entre os indivíduos, que atuam em conjunto para obterem resultados coletivos. Nos estudos de Santos (1985) sobre um bairro do Rio de Janeiro, verificou-se que, como mencionado anteriormente, apesar do “ser vizinho” significar estar fisicamente próximo, os moradores entrevistados compreendiam esta categoria como transcendente a uma questão espacial, atribuindo-lhe a um ordenamento moral próprio. Portanto, observa-se a necessidade de uma rede de relações sociais estruturada, compreendida por um reconhecimento mútuo, atribuída por Bourdieu (1997) como *habitus*. Ou seja, é uma forma de incorporação do qual os indivíduos se reconhecem a partir do capital simbólico, em outras palavras, mediante às características comuns e estilos de vida semelhantes, compondo uma identidade coletiva (ALMEIDA, 2011).

A convivência é construída cotidianamente, com isso, há um conjunto de práticas subjetivas que configura em uma obrigação social de obedecê-las, e se contrariadas pode suscitar em “sanções sociais como um olhar de reprovação ou até mesmo o banimento de um grupo” (LOPES, 2008, p.114). Nesse sentido, constata-se que paralelo a um conhecimento mútuo, há um contato social entre as pessoas, que auxiliam a integração no local, pois de acordo com Prost (1992, p.116 *apud* ALMEIDA, 2011 p.1) “cada morador do bairro ou da vila auferem certo proveito dessa vizinhança, desde que se pague o devido preço. Ele recebe gratificações dos outros: sorrisos, saudações, cumprimentos, trocas de palavras que dão a sensação de existir, de ser conhecido, reconhecido, apreciado, estimado”.

Por isso, verifica-se que a proximidade espacial entre os indivíduos não é determinante para o sentimento de convívio e familiaridade, sendo admissível que indivíduos distantes fisicamente possuam vínculos afetivos mais intensos em comparação àqueles que estão próximos corporalmente. A proximidade afetiva está relacionada com o reconhecimento mútuo e considerando que o indivíduo é dotado de uma multiplicidade de papéis existentes, traduz-se em “conhecer o

mesmo indivíduo em diferentes situações” (SANTOS, VOGEL e MELLO, 1985, p.85).

Santos, Vogel e Mello (*ibidem*) discorrem que a variedade de papéis que o indivíduo exerce colabora para seu enquadramento na comunidade, tendo em vista que cada lugar dispõe de um discurso valorativo construído socialmente, que estipula as maneiras corretas de percebê-lo e usá-lo. Essas variedades pressupõem três categorias: a primeira está relacionada ao suporte espacial, materializado pela casa ou a rua; a segunda é referente às noções de público e privado, marcado pela formalidade ou informalidade e por fim um *script*, que relaciona ao sistema de uso, ou seja, agir da maneira estabelecida. Assim, nas palavras de Santos: “um contexto social qualquer exige, para o êxito da ‘cena’ ou da ‘peça’ a habilidade de estar no lugar ‘certo’ na hora ‘certa’, fazendo as coisas ‘certas’, de modo ‘certo’” (1985, p.5). Por isso, compreende-se que qualquer equívoco pode ser considerado uma socialização precária, pois o bom funcionamento do grupo social resulta no desempenho do papel social da forma esperada, ou seja, supõe um comportamento previsível uma vez que, em geral, “todos sabem o que esperar de cada papel” (LOPES, 2008, p. 115).

Taylor (2000 *apud* MELLO, 2017) considera que a validação do papel social se torna possível diante do reconhecimento de suas funções e práticas perante a sociedade em que se situa, definido conforme a situação, o lugar e a profissão do indivíduo dentro da comunidade. Os papéis, cargos e hierarquias socialmente reconhecidos são elementos importantes para a formação da identidade individual e para a convivência social, por isso a concepção equivocada deles pode desencadear danos irreversíveis ao indivíduo, como depressão ou até suicídio. Uma pessoa não reconhecida perante a sociedade a qual está inserida pode ser vítima de *bullying*, racismo e outros tipos de preconceito, propiciando um sentimento de ódio por si mesma.

É relevante explorar os benefícios inerentes à sociabilidade estabelecida entre os inquilinos analisados por Santos, Vogel e Mello (1985). Observa-se que o reconhecimento entre os moradores desencadeava um sentimento de solidariedade, prestação de auxílio mútuo nos momentos de necessidade e união, repercutindo na concepção de se viver em uma comunidade, considerada como

uma “grande família”, sendo esta, associada a um conjunto de expectativas e obrigações recíprocas.

Outra condição de sociabilidade estabelecida no bairro refere-se ao princípio de confiança, sendo um fator que intensifica as relações sociais personalizadas e o sentimento de se viver em um local onde há um reconhecimento mútuo. Exemplificada pelo “sistema do Armazém” que ocorre no bairro, que concerne na venda de produtos fiado anotados no “caderninho” (SANTOS, VOGEL e MELLO, 1985). Sistema que contrapõe a cultura monetária apresentada por Simmel (2005[1903]), pois é movido pela informalidade e por um sentimento anterior ao vínculo do capital.

No entanto, esta relação de vizinhança como um grupo base e a convivência entre vizinhos que permite a criação de laços sociais fortes, relações íntimas e afetivas, têm se enfraquecido no contexto urbano atual. A vizinhança reflete o comportamento humano e dos indivíduos que ali habitam, possui tradições e costumes locais, por isso é importante compreender os esforços realizados no sentido de reconstituir esta unidade local mediante aos interesses da comunidade e elementos que a compõem, tendo em vista que a crescente individualização da vida social tem afetado diretamente esta relação, que passam de um coletivo primário a estranhos indiferentes que pouco se importam uns com os outros. (BAUMGARTNER, 1988; ETZIONI, 1993; SENNETT, 1998 *apud* CHERHIRE *et al.*, 2013, p. 1).

A falta de integração social faz com que os indivíduos não se reconheçam como pertencentes e participantes de uma trajetória coletiva, provocando intensos padrões de exclusão, pois “a cidade torna-se objeto da apropriação privatista da predação e da rapinagem, lugar onde prosperam o ressentimento e as desconfianças sociais. Desenvolve-se então, a fragmentação da autoridade e o fortalecimento de microssociedades com seus chefes e legalidades próprios” (REZENDE DE CARVALHO, 1991, p.5 *apud* SOUSA, 2017, p. 104).

Diante disso, exploraremos a dimensão da cidade enquanto um local de conflitos e disputa pela representação dominante. Sánchez alega que representar o espaço é um ato de poder simbólico e ressalta que, “como observa Novais (1999,

p. 2), o espaço está em disputa, inclusive no nível das representações. Trata-se de uma luta pelas representações dominantes, uma disputa para impor visões de mundo manipulando imagens do real. ” (SÁNCHEZ, 2001, p. 38).

Nesta lógica de conflitos, tendo como plano de fundo a identificação a partir da temporalidade, surge um contraste entre dois grupos, definido por Elias (2000) como “estabelecidos” e “*outsiders*”, em outras palavras, entre o grupo de moradores antigos, nativos do lugar e os recém-chegados, considerados “de fora”. Em suas análises, com base em uma cidade pequena no sul da Inglaterra, Elias proporciona a compreensão da dinâmica entre estes dois grupos que disputam o poder, tendo em vista que esta supremacia está diretamente ligada à influência exercida sob o local, conseqüentemente à integração, envolvimento e identificação com o espaço ocupado.

Em complemento aos discursos aferidos pelos moradores analisados por Santos, Vogel e Mello (1985), Elias (2000) afirma que na medida em que os indivíduos se conhecem, convivem e vivem durante um determinado tempo, desenvolvem lembranças, e/ou apegos, aversões e compartilham de um passado semelhante, criando laços de intimidade emocional. Com isso, são estabelecidos códigos, normas e um estilo de vida comum, gerando certos padrões e constituindo um grupo coeso, reforçando a ideia de que, o tempo de residência no lugar é um fator importante para o relacionamento entre as pessoas e para o estabelecimento de uma identidade comunitária. Estas características são concebidas ao grupo designado como “estabelecido”, que possui um intenso sentimento de identidade grupal, que lhes conferem poder, status na organização local e controle social.

No entanto, em contraste a este grupo de antigos moradores, estão os *outsiders*, composto por indivíduos que não possuem vínculos pessoais e locais, além de uma fraca coesão social, costumes e cultura diferentes do local por serem “novos residentes”. Esses “novos residentes” são estigmatizados pelos antigos moradores (ELIAS, 2000), na medida em que o novo grupo ameaça sua superioridade e o estilo de vida já estabelecido, pois os *outsiders* trazem consigo características e costumes distintos, que podem afetar as normas, crenças e o poder enraizado pelos antigos moradores.

Ainda sobre a incompatibilidade da significação entre estabelecido e *outsiders*, Heidrich (2017, p. 35) afirma que

Identificação com o lugar para os que chegam nem sempre incluirá a participação das pessoas mais antigas, já estabelecidas nele. A situação de moradores que migram para lugares que já possuem territorialidades plenamente constituídas faz os que chegam se confrontarem com territorialidades de que não fazem parte. A falta de coesão entre os recém-chegados e os antigos, habitantes de uma mesma localidade (Elias; Scotson, 2000), o senso de apropriação do lugar ou a evidenciada identidade dos novos grupos são fatores de tensões ou, pelo menos, de territorialidades duplas e, até mesmo, multifacetadas.

Elias (2000) expõe que a ameaça da ordem já estabelecida contribui para a rotulação dos *outsiders* como grupos inferiores, sendo associados a características “ruins”, como delinquência, violência e desintegração, desordeiros e que não respeitam as leis e as normas (dos estabelecidos). Essa categorização subalterna garante aos moradores antigos um meio de manter sua superioridade social e sua identidade comunitária, pois a estigmatização é uma defesa poderosa para a preservação da superioridade do grupo estabelecido.

Em suma, o conflito entre estes dois grupos pela disputa do poder retrata a própria estrutura da sociedade, que é determinada pela relação entre indivíduos, grupos sociais, hierarquização, status, superioridade, inferioridade, estigmatização, etc.

Posto isso, observamos a relevância de se analisar as sociabilidades desenvolvidas nas relações de vizinhança, que pode tanto representar um local de conflito, como desvelar a compreensão dos significados socialmente estabelecidos e nos comportamentos desenvolvidos a partir do contato com “o outro”. No entanto, percebe-se que a cidade como um lugar de encontro da diversidade, tem cada vez mais se transformado em um espaço segregado ao invés de um convívio harmônico entre os indivíduos (LOPES, 2008).

2.4. Caráter normativo da vizinhança

Dispomos de normas informais (explanadas anteriormente) e formais que visam garantir o convívio social, regular o comportamento do indivíduo e auxiliar na

coesão social, o que, para Durkheim (1987), faz com que a sociedade exista. Quando essas regras são descumpridas, podem suscitar em uma desestabilização social, enfraquecendo os laços de solidariedade (LOPES, 2008).

A relação de vizinhança no Brasil é formalizada pelo pelos artigos 1.277 a 1.313 do Código Civil, trata-se do Direito da Vizinhança que possui regras preventivas visando a harmonia e o bem-estar dos moradores. Com a promulgação da Carta Magna de 1988, a propriedade adquire função social, ou seja, passa a ser concebido de um bem individual privado e egoísta onde os proprietários possuíam direito absoluto para um bem que atende valores ligados a coletividade, sem eliminar o direito privado, mas considerando a necessidade de assegurar o uso da propriedade na busca do bem comum. (ADOLFO *et al.*, 1998; ROSENVALD, 2004).

O caráter normativo dos Direitos da Vizinhança com o pretexto da convivência amistosa entre os vizinhos, pressupõe um sacrifício do proprietário compensado pela convicção de que “o outro” também estará se sacrificando pelo bem coletivo. Dessa forma, respeitando o princípio de que o direito de um indivíduo vai até onde começa o direito do outro. Viver em sociedade valorizando a solidariedade é compreender que “um interesse privado muitas vezes é fator de sacrifício de interesses coletivos” (ROSENVALD, 2004, p.28).

Considerando a relação de vizinhança, o artigo 1.277 do Código Civil enfatiza o mau uso da propriedade a partir dos aspectos ligados à segurança, ao sossego e à saúde, em outras palavras, o uso da propriedade não pode vir a prejudicar os direitos supracitados dos que habitam o imóvel vizinho. A fim de compreender o conflito de vizinhança dos atores analisados, aprofundaremos na boa convivência pressupondo o direito ao sossego.

Todo indivíduo tem direito a uma relativa tranquilidade, portanto, ruídos ou barulhos excessivos são capazes de prejudicar o vizinho e impedir sua saúde e bem-estar. Nas relações de vizinhança a transgressão sensorial caracteriza o mau uso da propriedade, pois apesar do sossego não estar relacionado pela completa ausência de ruídos, há uma margem que não deve ser extrapolada, onde o incômodo torna-se algo intolerável. Assim sendo, a Norma Brasileira (NBR) 10151 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) oferece parâmetros que auxiliam no combate desse tipo de perturbação, que outorga o limite de 55 decibéis

das 7h às 20h e 50 decibéis das 20h às 7h. Além disso, a Lei Distrital 4092 de 2008 – Lei do Silêncio, regulamenta o controle da poluição sonora, respaldando no Art. 3º inciso IV definições referentes ao ruído de vizinhança, configurado como:

todo ruído não enquadrável em atos ou atividades sujeitas a regime específico no âmbito do presente dispositivo legal, associado ao uso habitacional e às atividades que lhe são inerentes, produzido em lugar público ou privado, diretamente por alguém ou por intermédio de outrem, ou de dispositivo à sua guarda, ou de animal colocado sob sua responsabilidade que, pela duração, repetição ou intensidade do ruído, seja suscetível de atentar contra a tranquilidade da vizinhança ou a saúde pública.

Com isso, percebe-se que há uma caracterização do que pode ser considerado poluição sonora, podendo ser produzido em local público ou privado, por uma pessoa, objeto ou animal e que se configura pela duração, repetição ou intensidade sendo capaz de perturbar o sossego da vizinhança ou da saúde pública.

2.5. Contexto de uma cidade universitária

Um aspecto peculiar a ser mencionado sobre a cidade analisada é o fato dela abrigar uma Universidade renomada no Brasil, repercutindo em um constante fluxo de “estudantes forasteiros”, fato que sustenta a existência e o encontro da diferença (MASSEY, 2008). Esse espaço urbano é movimentado por jovens universitários que têm um estilo de vida semelhante entre eles, relacionado à rotina do mundo acadêmico e formas de lazer peculiares delineados pela faixa etária. A maioria são jovens entre 18 a 24 anos, possuem condutas que são consideradas consequências de um estilo de “vida universitário” (SAYEGH, 2012, p.6).

No entanto, historicamente os estudantes universitários eram vistos como malquistos em algumas cidades. Sayegh (2012) ressalta que, segundo Le Goff (1998. p.66):

Faz-se a eles a mesma censura que hoje se faz àqueles das periferias: perturbam a vida dos bons burgueses, dos bons cidadãos [...] sim, e fazem badernas, têm costumes que perturbam a paz das famílias”. Tal situação cria um clima de ambivalência da relação da cidade com a universidade e seus estudantes, já que, de um lado, desfrutam do lucro e do prestígio por

possuírem tal instituição; e, de outro, amargam o fato de abrigarem estudantes que seriam considerados “baderneiros” que perturbam a ordem local, já que é um público composto, em sua totalidade, de jovens e seu estilo de vida com maior afeição por liberdade. (SAYEGH, 2012, p.4).

Devido ao estilo de vida universitário, um dos conflitos marcantes nas cidades universitárias é a convivência com as moradias estudantis, conhecida como repúblicas, com a vizinhança nativa. Repúblicas que são consideradas por Rodrigues (2008, *apud* ALBERGUINI, 2009) como locais onde o jovem se deslumbra pela liberdade de estar longe do controle paterno, e por isso, muitos descobrem o sexo, a bebida, o jogo e a responsabilidade de controlar seu próprio dinheiro, pois compreende-se que os jovens, ao optarem por viver em repúblicas, devem estar dispostos a concordar com as festas, que são comuns nesses locais (DAMIANI *et al.*, 2009). Em seus estudos, Damiani *et al.* (2009) citam o posicionamento da jornalista Christianne Visvanathan, que afirma que as festas incomodam e desrespeitam os direitos dos vizinhos por conta do barulho, podendo gerar um transtorno que acaba indo para delegacia ou para a justiça.

Procurar entender a relação de vizinhança entre dois grupos essencialmente distintos, com vidas dissonantes e diferentes formas de uso e representação do local é parte fundamental deste trabalho, visto que é um contexto que sempre irá existir em Viçosa, pois o grupo de universitários se renova a cada ano e apesar de perturbarem a ordem cidadina com suas festas constantes e atitudes irreverentes, eles são peças chave para movimentar a economia local (SAYEGH, 2012).

3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação social entre os moradores que já residem há mais tempo na cidade, considerados nativos e os moradores de república estudantis em Viçosa-MG.

A abordagem metodológica para contemplar esse objetivo está ancorada numa pesquisa essencialmente qualitativa, que possibilita a compreensão gradual de um fenômeno social através das percepções e experiências dos participantes, e da forma como eles entendem sua vida, pois sendo a cidade um lugar de expressões diversas, é imprescindível analisar não só uma, mas as múltiplas percepções da realidade. (CRESWELL, 2007).

Dessa forma, salientamos o caráter interpretativista da metodologia qualitativa, que nas palavras de Creswell (2007) significa que:

O pesquisador faz uma interpretação dos dados. Isso inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou de um cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e, finalmente, fazer uma interpretação ou tirar conclusões sobre seu significado, pessoal e teoricamente, mencionado as lições apreendidas e oferecendo mais perguntas a serem feitas” (WOLCOTT, 1994 *apud* CRESWELL, 2007, p. 186).

Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas, isto é, baseadas em um roteiro de perguntas pré-determinadas às quais as respostas foram relativamente livres. Para além das questões prévias, outras que se fizeram necessárias no decorrer das entrevistas foram incorporadas, dado que ao utilizar essa técnica de coleta de dados, o pesquisador poderia acrescentar elementos não previstos (OLIVEIRA, 2009). Portanto, os dados que emergem dessa metodologia são de caráter descritivo, ou seja, dados relatados em palavras.

Na busca de se compreender e analisar os relatos dos entrevistados tendo em vista a abordagem teórica desenvolvida, foram definidas três categorias principais e norteadoras no questionário semiestruturado (Anexo A). Na primeira parte, “*Identificação, pertencimento e percepção local*”, buscou-se perceber a relação do entrevistado com a cidade de Viçosa, no que diz respeito à sua interação

com a organização moral e física (PARK, 1938) propiciando através dos relatos, a compreensão acerca da correlação das experiências de cidade e convergências de sentidos. (LEITE, 2007).

Em seguida, na categoria “*Relação de Vizinhança*”, esforçou-se em situar a importância atribuída à sociabilidade com os vizinhos, além da tentativa de analisar o sentido dessa relação especificamente dos moradores de república com os vizinhos de Viçosa e contrapondo com os vizinhos da cidade de origem. Por fim, em “*Presença dos universitários no espaço urbano*”, buscou-se compreender a estrutura social que é legitimada pelos nativos de Viçosa acerca dos estudantes universitários, a dinâmica e o simbolismo das repúblicas estudantis inserida no contexto citadino e os conflitos gerados no que diz respeito ao uso da cidade, tendo como recorte o sentido atribuído à residência e ao lazer universitário.

As entrevistas foram realizadas nos meses de abril e maio de 2018, com duração média de 40 minutos. O *corpus* é composto de uma amostra intencional com moradores nativos da cidade que tiveram conflito com repúblicas, além de moradores e ex-moradores de repúblicas conhecidas por realizarem festas estudantis. A aplicação da amostra intencional possibilitou a delimitação de um filtro do qual apenas as pessoas que possuíam as características de interesse para o estudo fossem selecionadas para as entrevistas. Além disso, a escolha dos entrevistados foi fundamentada pela técnica metodológica *Snowball* (Bola de Neve), definida como uma forma de amostra não-probabilística que consiste na indicação entre os participantes, até que seja atingido um “ponto de saturação” do qual os novos entrevistados começam a repetir os conteúdos já obtidos anteriormente (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

Ao todo foram gravadas 14 entrevistas, sendo 4 com ex-moradores de república, 3 com moradores de república e 7 com moradores nativos, sendo estabelecido que não haveria identificação dos nomes dos entrevistados. Dessa forma, para as análises, os entrevistados foram identificados por códigos que variam de E1 a E14. Sendo os entrevistados do E1 ao E4 ex-moradores de repúblicas, do E5 ao E7, moradores de república e do E8 ao E14 moradores nativos de Viçosa.

Todos os moradores e ex-moradores de república, E1 ao E7, são do sexo masculino, possuem idade de 29, 30, 28, 32, 22, 24 e 24 anos, respectivamente. Caracteriza-se como ex-moradores de república (E1 ao E4), os indivíduos que ainda vivem em Viçosa, mas que atualmente não compartilham residência com outros estudantes. Destes ex-moradores, os entrevistados E2 e E3 se formaram na UFV, e o entrevistado E1 abandonou o curso de graduação. Já o entrevistado E4 não teve vínculo com a universidade, mudou-se para Viçosa com seus pais e morou durante 4 anos em república estudantil. Constata-se então que, atualmente estes ex-moradores não possuem vínculo com a UFV. Porém, foi identificado que todos trabalham de alguma forma na organização de eventos e/ou festas de maior proporção em Viçosa, voltados para o público estudantil da cidade. Em contrapartida, os moradores de república, E5, E6 e E7, ainda estudam na universidade.

Os moradores de Viçosa entrevistados, E8 ao E14, possuem idade de 42, 54, 60, 30, 28, 67 e 43 anos respectivamente. Os entrevistados E9 ao E13 são do sexo masculino, E8 e E14, do sexo feminino. Com exceção do entrevistado E13, que recebe aposentadoria, todos os outros possuem ocupação profissional, sendo que, os entrevistados E8, E9 e E10 possuem vínculo de empregatício na UFV. Além da ocupação profissional, os entrevistados E11 e E12 são estudantes de graduação na Universidade.

As entrevistas foram transcritas e amparadas pela concepção de que os discursos são práticas sociais que refletem o contexto social e o posicionamento do indivíduo no mundo (CARNEIRO, 2011), optou-se por uma análise categorizada com base no discurso dos participantes acerca das temáticas descritas anteriormente.

Além das entrevistas realizadas, também fizeram parte dos dados empíricos um levantamento acerca das reclamações decorrentes de desordens no município de Viçosa. O acesso aos dados se deu por meio do departamento de Fiscalização da Prefeitura de Viçosa, no mês de novembro de 2017, e é referente a reclamações realizadas pelos moradores por meio do telefone da Fiscalização Municipal e presencialmente no balcão de atendimento da Prefeitura.

O objetivo desses dados quantitativos é verificar a incidência de registros de desordens no município, enfatizando principalmente a categoria postura, que engloba os registros de reclamações referente às moradias estudantis. Sendo estes apresentados e detalhados conforme região, recorrência, data (ano) e reincidência.

Por fim, utilizou-se a mídia virtual como fonte de dados, especificamente o site da Câmara Municipal de Viçosa – MG, que por meio da assessoria de comunicação possibilitou o acesso às notícias referentes às festas nas repúblicas estudantis, além de informações acerca das discussões do problema das festas em Viçosa em audiência pública, resultando na promulgação da Lei N°2.287/2013.

A lei promulgada pela Câmara Municipal de Viçosa, como mencionado anteriormente, tem como objetivo combater a poluição sonora, a perturbação da ordem e do sossego e outras providências. Disposta em IX Capítulos, sanciona-se diretrizes acerca da autorização para realização de festas e outros eventos, questões relativas à garantia da segurança dos participantes do evento e manutenção da ordem e do sossego, as responsabilidades que concerne ao responsável pelo evento, da publicidade do evento, competências da comissão de análise de eventos, as penalidades relativas ao descumprimento da lei, entre outros preceitos.

No que concerne especificamente as sanções relacionadas às repúblicas estudantis, será analisado e explicitado na seção 4.6.1 da Apresentação e discussão dos resultados, seção subsequente.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse capítulo, apresentaremos os dados empíricos coletados no departamento de Fiscalização da Prefeitura de Viçosa e analisaremos os discursos dos entrevistados relacionando-os com a teoria desenvolvida. Busca-se, a partir da descrição das falas, interpretá-las e correlacioná-las às percepções de mundo desses atores sociais.

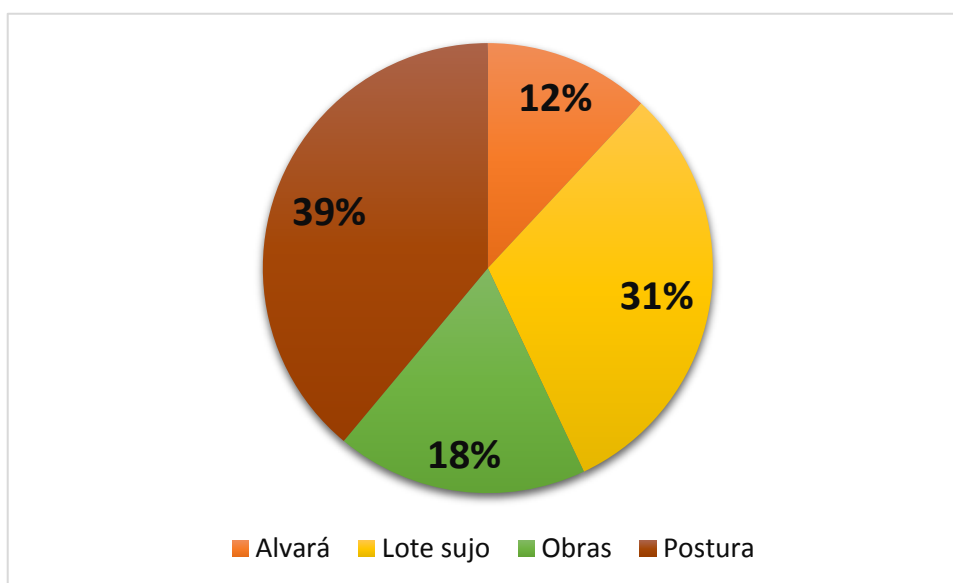
O capítulo está estruturado em oito seções. Na primeira, *“Registros de desordem em Viçosa”*, os dados quantitativos são apresentados e detalhados tendo em vista o objeto de estudo. Em *“Percepções da cidade de Viçosa”* analisou-se as concepções dos entrevistados acerca do espaço citadino estudado. A seção *“O estudante universitário como ‘o outro’”* teve como objetivo observar a caracterização da população flutuante de estudantes na visão dos moradores de Viçosa. Já a seção *“O uso da cidade pelos estudantes universitários”* subdivide-se em três eixos temáticos: o primeiro, *“Repúblicas estudantis: espaço físico do universitário na cidade”*, analisou-se brevemente o significado simbólico em se morar em uma república; em seguida, em *“Repúblicas como locais de festas”*, detalhou-se como as repúblicas que realizam festas regularmente se configuram e o que condiciona estes espaços a se transformarem em locais de confraternização; por fim, na subseção *“A república como espaço de desenvolvimento e contestação”*, analisou-se o espaço das repúblicas estudantis como condicionantes a alguns comportamentos.

A seção *“A cidade como um local de conflito”* apresenta a subseção *“Incompatibilidade dos sentidos de usos: o conflito com as repúblicas que fazem festas”*, em que se constatou os motivos que levam os moradores nativos a queixarem-se das repúblicas estudantis. Em *“A relação dos moradores de república com a vizinhança”*, analisou-se a relação de vizinhança dos estudantes em Viçosa em comparação com a cidade de origem. Em *“Sugestões para o enfrentamento dos conflitos”*, explorou-se as propostas dos entrevistados para a resolução do conflito entre moradores de Viçosa e repúblicas estudantis. Por fim, na última seção *“A lei que regulamenta os eventos de Viçosa”*, foi exposta uma breve análise acerca do surgimento da lei N°2.287 e suas implicações.

4.1 Registros de desordem em Viçosa

Os dados estão organizados em uma tabela totalizando 1759 registros, datados de 2010 a 2017 e classificados em quatro categorias: alvará (210), lote sujo (546), obras (318) e postura (685).

Gráfico 1 – Registro de desordem – Viçosa, MG



Fonte dos dados: Departamento de Fiscalização da Prefeitura de Viçosa, 2017.

Diante das descrições expostas no banco de dados, a categoria Alvará (12%) remete principalmente a estabelecimentos comerciais denunciados pelo funcionamento sem a documentação necessária ou com o alvará com a data de validade excedida. Por Obras (18%), refere-se principalmente a construções irregulares que prejudicam os cidadãos. Já a categoria Lote sujo (31%) relaciona-se a reclamações acerca de entulhos, lixos, infestações de animais (caramujos, mosquitos, escorpiões...) e mau cheiro no terreno. Por fim, a categoria Postura (39%) refere-se principalmente ao uso inadequado de vias públicas e perturbação do sossego, sendo esta de extrema relevância para a pesquisa e por isso, demandando uma análise mais detalhada.

Na categoria postura, no que concerna à perturbação do sossego, são descritas reclamações de bar, de igrejas, de lava-jato, de lojas, de academia e de repúblicas. Tendo em vista o objeto de estudo, realizou-se uma filtragem apenas

dos registros de reclamações referentes às moradias estudantis, totalizando 34 registros, ou seja, 5% considerando o universo referente aos registros de Postura.

Observou-se que os maiores percentuais de reclamações são provenientes da região central de Viçosa, contendo 20 registros, retratados pela tabela abaixo

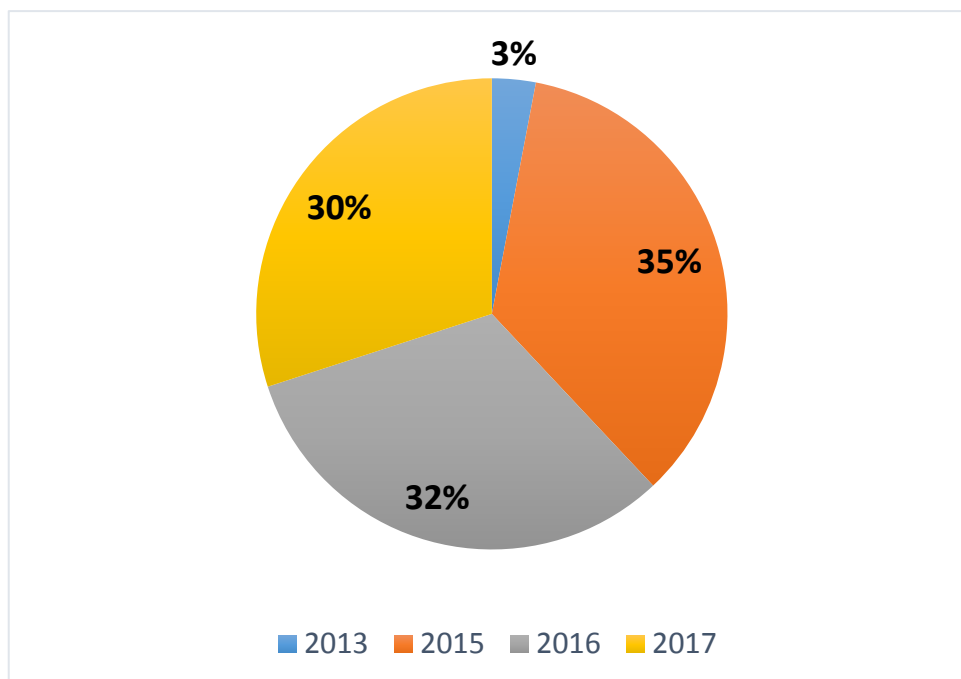
Tabela 1 – Registro de desordem: região e recorrência

Bairro/Região	Quantidade de registros
Bom Jesus	1
Centro	20
Cidade Nova	1
Fátima	2
João Braz	1
Júlia Molar	1
Lourdes	2
Ramos	1
Santa Clara	1
Santo Antônio	2
São José do Triunfo	1
São Sebastião	1

Fonte dos dados: Departamento de Fiscalização da Prefeitura de Viçosa, 2017.

Além disso, os registros estão datados majoritariamente entre os anos de 2015 e 2017, anos subseqüente à Lei promulgada referente à regulamentação de eventos em Viçosa, a fim de combater a poluição sonora e perturbação do sossego, que será mencionada posteriormente e explicitada na discussão dos resultados.

Gráfico 2 – Ano do registro de desordem



Fonte dos dados: Departamento de Fiscalização da Prefeitura de Viçosa, 2017

Por fim, conforme detalhado na tabela a seguir, percebe-se que há reincidência de registros em alguns locais

Tabela 2 – Locais com reincidência de perturbação

Reincidência	Ano(s)	Desordem	Desordem detalhada	Endereço
5 vezes	2015	Postura	Perturbação do sossego.	Doutor Milton Bandeira, Centro
5 vezes	2013 (1) 2015 (3) 2016 (1)	Postura	Perturbação do sossego; Festa na república 'x' sem autorização	Praça Mário del Giudice, Centro
2 vezes	2016 e 2017	Postura	Perturbação do sossego; Som alto.	Rua Capitão José Maria, Centro
2 vezes	2017	Postura	Som alto, cobrança de ingresso, sem alvará, som alto, bebida liberada.	Rua Padre Serafim, Centro

Fonte dos dados: Departamento de Fiscalização da Prefeitura de Viçosa, 2017.

4.2. Percepções da cidade de Viçosa

O vínculo e o sentimento que o indivíduo atribui ao local estão relacionados a diversas variáveis. Os cidadãos percebem a cidade de maneiras diferentes, os hábitos, o tempo de permanência, os locais mais frequentados, o trajeto cotidiano, as interações, os julgamentos positivos e/ou negativos, tanto interferem quanto ajudam a construir o modo de ver e viver a cidade. Neste sentido, é de extrema importância a tentativa de compreender a relação simbólica e as representações sociais que os atores entrevistados atribuem à cidade, analisando suas perspectivas diante a cidade e seus processos de significação.

Considerando a percepção do entrevistado E11, pode-se inferir que o desconhecimento do nome das ruas e dos lugares repercute na percepção e caracterização da cidade, dando uma sensação de não conhecimento da mesma. Em suas palavras ele revela *“não me sinto capacitado para pensar a cidade porque eu sinto que eu não vivi a cidade”*, fato que é justificado principalmente devido à falta de locais para socialização.

Eu acho que na verdade os meus amigos que são Viçosenses também teriam a mesma dificuldade. Eu tenho 30 anos agora, a minha geração não saía em Viçosa, eu não sei os molequinhos hoje em dia, por isso estou falando em geração, mas Viçosense mesmo não sai em Viçosa. Os Viçosenses sempre vão para cidades vizinhas. No meu caso eu não era de ir para cidades vizinhas, São Miguel, Canaã, Pedra do Anta, Ervália... eu nunca fui de ir para essas cidades, mas eu frequentava muito Belo Horizonte e Espírito Santo, então quando era feriadão, por exemplo, ou até mesmo uma fase da vida que eu e os meus amigos não fazíamos nada, literalmente nada, então a gente ficava viajando de 'dedão' na estrada, ia para Juiz de Fora, ou coisa assim... então, nosso lazer nunca foi muito aqui em Viçosa, quando a gente ia socializar a gente socializava muito ou dentro da UFV ou dentro das nossas casas, então a gente nunca teve uma rotina de vida que se apropriasse da própria cidade, talvez porque a própria cidade não forneça também muitos espaços adequados para a socialização, então a gente buscava em outros lugares [E11].

A partir do fragmento *“a gente nunca teve uma rotina de vida que se apropriasse da própria cidade, talvez porque a própria cidade não forneça também muitos espaços adequados para a socialização”*, constata-se que a ausência de locais para as práticas de lazer é significativa para o não reconhecimento e a falta de apropriação e integração na cidade. A criação de vínculo com um lugar só é

concebida com base na interação com ele, ou seja, somente pelo movimento e/ou pelas percepções sensoriais. O adquirir conhecimento espacial ocorre inevitavelmente a partir do corpo e seus movimentos de percepção, por isso, “a identidade está intimamente relacionada com um espaço que a pessoa constrói ao mover-se nele” (SANTOS, 2008, p. 145). Embora não se restrinja à situação de lazer, essa possui influência significativa nas interações, por ser um modo de prática do espaço e percepção do espaço como um lugar, condicionando assim, um relacionamento sócio-espacial (Ibid).

Eu acho que não tem, no próprio desenho da cidade um espaço urbano que propicia contato e interação... enfim, existem algumas formas de desenhar a cidade que propiciam mais interações saudáveis, e eu acho que Viçosa não tem isso. Viçosa tem um fluxo que é da casa para o trabalho, ou da casa no máximo a igreja, ou da casa à escola, mas não tem um ponto que amarre tudo isso e propicia uma vida cotidiana onde você tem um lazer cotidiano [E11].

O trecho “*eu acho que não tem, no próprio desenho da cidade um espaço urbano que propicia contato e interação*” evidencia que para o entrevistado a falta desses espaços de lazer é atribuída à configuração urbana da cidade. Verifica-se que o discurso sobre a falta de espaços para lazer na cidade é recorrente em outras falas:

Não tem estrutura pra gente que tem criança, eu não tenho onde levar, pra ter uma diversão tem que ser sócio de um clube (...) aí eu quero sair no fim de semana com eles, eu vou passear na UFV, não tem outra coisa pra fazer. (...) Não tem (lazer na cidade) e qualquer coisa que você quiser fazer você tem que pagar e mesmo assim... você pode olhar uma praça, um parque... não tem! [E14]

No trecho do entrevistado E14, ambas seleções lexicais trazem a ideia que o lazer em Viçosa se restringe a espaços necessariamente privados, como clube ou locais que necessitam ser pagos, sendo consequência, como mencionado anteriormente, da falta de estrutura física da própria cidade que não dispõe de elementos que proporcionam entretenimento.

A diversão relacionada a um lazer pago presente na assertiva “*qualquer coisa que você quiser fazer você tem que pagar*” [E14], obedece à ideologia moderna capitalista do lucro, que confere a prática do lazer como uma oportunidade

para a comercialização, seja pela venda de bens, de serviços e/ou de espaços, transformando a prática do lazer em um produto à venda. Não é à toa que se tem a indústria do entretenimento como responsável por boa parte da economia cultural mundial (SCHNEIDER, 2009), que se intensifica principalmente nessa era da convergência digital, marcada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e da tecnologia.

No entanto, por terem como finalidade o encontro dos indivíduos para práticas sociais, a falta de espaços urbanos que propiciam o contato entre os cidadãos pode interferir na existência de uma vida comunitária, por serem espaços que “podem dar um sentido de lugar e tornar-se um foco referencial e de vitalidade para a vizinhança” (BASSO; LAY. 2002 p. 1070). O fragmento da fala da entrevistada E14, *“aí eu quero sair no fim de semana com eles (com as crianças), eu vou passear na UFV, não tem outra coisa pra fazer”* vem ao encontro ao discurso *“então nosso lazer nunca foi muito aqui em Viçosa, quando a gente ia socializar a gente socializava muito ou dentro da UFV ou dentro das nossas casas”* [E11], ou seja, percebe-se que o principal espaço público utilizado para o lazer é o espaço que a UFV (Universidade Federal de Viçosa) oferece, sendo este, o foco referencial mencionado por todos os entrevistados para a caracterização da cidade.

É uma cidade universitária, muito puramente universitária, porque o maior cargo chefe da cidade é a UFV. Ouro Preto por exemplo tem uma universidade, mas o turismo é muito forte, Juiz de Fora, BH tem universidades federais, mas são cidades grandes com o comércio muito bem desenvolvidos, diversos outros exemplos, pelo menos nas cidades de Minas seguem o mesmo esquema, aí Viçosa tem essa particularidade por ser cidade universitária mesmo. [E2].

Nas seleções do discurso do entrevistado E2, a UFV é elencada como o cargo chefe de Viçosa, tendo como pretexto a analogia com outras cidades que também possuem universidades federais, mas que dispõem de outras atividades bem desenvolvidas, com o comércio ou o turismo, apresentado na assertiva *“Ouro Preto por exemplo tem uma universidade, mas o turismo é muito forte, Juiz de Fora, BH tem universidades federais, mas são cidades grandes com o comércio muito bem desenvolvidos”*. Nesse sentido, Viçosa é caracterizada como uma cidade essencialmente universitária.

Você não tem uma indústria grande, mas já houve, em épocas antigas, de avôs meus, de tios (...) existia fábrica de calçados aqui, grande inclusive, mas Viçosa parece que ela tá focada e o que tem dado certo é essa parte de educação e ensino [E9].

Ao analisarmos a historicidade da cidade, que é um fator que contribui para sua representação social, constata-se que Viçosa possui 146 anos de existência e abriga a Universidade há 91 anos, ou seja, durante um período de tempo considerável a cidade tem se desenvolvido a partir de um legado educacional. Portanto, a presença da Universidade é algo que está intrínseco na organização física e simbólica de Viçosa, assentido pelo entrevistado E9 que expõe que apesar de em outras épocas a cidade ter tido fábrica de calçados, ou seja, um outro tipo de atividade econômica, o foco da cidade e o que tem dado certo, em suas palavras “é essa parte de educação e ensino”.

A universidade modifica a dinâmica sócio-espacial da cidade, Viçosa é um município de porte médio que está localizada na Zona da Mata mineira, e pelo Censo do IBGE em 2014, possui aproximadamente 77.502 habitantes e uma população “flutuante” de 20 mil pessoas, sendo estes estudantes. Um estudo sobre a verticalização da região central da cidade de Viçosa aponta que, devido ao crescimento populacional urbano por conta da migração dos estudantes, sobretudo pelo do aumento do número de cursos e vagas oferecidas pela Universidade, suscitou um crescimento expressivo na construção de edificações verticais, entre o ano de 1970 a 2007 (ZACCHI, 2007), conforme apresentado pela tabela

Tabela 3 – Edificações verticais construídas na área central de Viçosa (MG) entre as décadas de 1970 e 2007

Década	Número de Edificações Verticais
1970	32
1980	61
1990	86
2000	83
Em Construção (até o ano de 2007)	30
Década de 1950/1960	3
Edifícios sem informação precisa	32
Número Total de Edifícios na área Central de Viçosa	327

Fonte: ZACCHI (2007)

O crescimento de edificações verticais na área central de Viçosa ocorre principalmente por ser a região onde localiza-se o campus da UFV, tornando assim uma região atrativa para os estudantes, além de abrigar outros serviços públicos como instituições bancárias, cartórios, fóruns, prefeituras e grande parte do comércio local (ZACCHI, 2007).

Nesta perspectiva de crescimento expressivo, aparecem percepções positivas e negativas acerca da concentração na região central.

Viçosa, eu acho interessante também que é uma cidade muito concentrada, tudo está em uma área central que você consegue resolver a pé, isso é uma particularidade muito grande também daqui você consegue fazer tudo. Foi até algo que me motivou a continuar morando em Viçosa após formado, você consegue resolver tudo andando, carro não é algo essencial aqui [E2].

As distâncias são menores porque eu moro no centro, mas quando eu morava em outro bairro aqui da cidade eu achava as distâncias menores também, para percorrer... então isso é um ponto que me agrada muito aqui na cidade [E12].

A área da PH Rolfs e UFV, essas ruas principais são muito congestionadas, uma concentração muito alta de pessoas, você vê que o movimento da cidade é muito grande. Se você considerar que a população não é nem de 100 mil habitantes, esse movimento que você vê na rua em alguns pontos é muito concentrado (...) é uma cidade que está sempre crescendo, eu acho que às vezes de forma errada, tem lugar que ela não deveria tá crescendo mais [E3].

Considerando os discursos dos entrevistados E2 e E12, a concentração da cidade na região central promove a facilidade de poder fazer e resolver “*tudo andando*” [E2], sem precisar de automóvel para se locomover, sendo um ponto atrativo da cidade para ambos entrevistados. Em contrapartida, a seleção lexical do entrevistado E3 traz a ideia de que a concentração da cidade em uma região provocou um congestionamento das ruas principais, devido à grande aglomeração de pessoas. Fato que é extremamente atrativo para o comércio e outros tipos de serviço, pois pela lógica capitalista, quanto maior a circulação de pessoas em um espaço, maior é a circulação do capital.

Considerando a assertiva “*é uma cidade que está sempre crescendo, eu acho que às vezes de forma errada, tem lugar que ela não deveria tá crescendo mais*” [E3], percebe-se que há um uso racional do espaço, provavelmente movido pela lógica do dinheiro, pois de acordo com os preceitos dispostos por Simmel

(2005[1903]) a respeito do mundo moderno, constata-se que as transformações dos espaços são movidas a partir da lógica do capital e do consumo, lógica que possibilita a explicação da formação de uma bolha de crescimento na região central viçosense.

Outro ponto elencado é a falta de infraestrutura da cidade, que por não ter acompanhado o crescimento da população acarretou em transtornos de deslocamentos aos cidadãos.

É uma cidade com pouca infraestrutura, a maior parte de infraestrutura que a cidade tem é na UFV, a cidade é muito boa, por ser uma cidade pequena, mas cheia de defeitos, como por exemplo a questão de trânsito, mal sinalizado, muito mal estruturado, as calçadas são muito pequenas... a cidade não teve um crescimento planejado [E6].

Comparando o discurso acima com os relatos expostos anteriormente pelos entrevistados E2 e E12 acerca da vantagem da cidade em se fazer tudo a pé, percebe-se que isso não é consequência de uma boa infraestrutura, ou seja, não ocorre devido a presença de elementos estruturais projetado para os pedestres. A assertiva *“a questão de trânsito, mal sinalizado, muito mal estruturado, as calçadas são muito pequenas...”*[E6], reforça a constatação de que o “fazer tudo a pé” é sobretudo consequência do crescimento concentrado em um espaço central, evidenciado também pela fala *“é uma cidade muito concentrada, tudo está em uma área central que você consegue resolver a pé”*[E2]. Por isso, afirma-se *“que a cidade não teve um crescimento planejado”*[E6], acarretando prejuízos estruturais aos cidadãos.

Outros aspectos negativos atribuídos à cidade são recorrentes nos relatos dos entrevistados:

No geral não acho uma cidade muito limpa não, muita sujeira, muito lixo para os cantos, acho que também depende da colaboração do povo, o poder público também, mas o povo deve colaborar mais com isso [E10].

Você não vê uma preocupação com limpeza pública, saúde o pessoal reclama muito... saúde, é outra coisa que é muito negativa, porque poxa para você fazer o cartão do SUS em Viçosa, ele só é feito na prefeitura e você tem que pegar uma senha que eles só entregam as 7h da manhã, de 7h às 8h, se você trabalha de 7h as 8h da manhã você fica sem cartão do SUS na cidade, ou então você pede folga e perde um dia de trabalho para

tirar. Tudo que você vai fazer você pega uma fila enorme, saúde aqui realmente é um problema também...[E2]

O acesso à saúde (é um ponto negativo), um dia eu fui no hospital com a garganta inflamada fiquei lá mais de 6 horas [E5].

Viçosa ficou muito perigosa, então dá 9h da noite a maioria das pessoas não querem estar na rua, porque vai estar a pé e vão ser assaltadas... então eu acho que a violência meio que matou a possibilidade de socialização nos poucos espaços que existiam (...). Mas antigamente era supertranquilo, eu voltava para casa a pé, 4h da manhã em qualquer rua de Viçosa, hoje em dia na rua da minha casa eu já sofri 3 tentativas de assalto em 2015 [E11].

Violência nos últimos anos tá um pouco fora do comum, tem crescido o tráfico de droga, assalto... assim, eu entrei aqui em 2008, faz 10 anos que eu tô em Viçosa, quando eu vim em 2008 pessoal falava “ah, Viçosa tá muito perigoso”, parece que todo ano fala-se isso para os calouros: “Viçosa tá muito perigoso”, mas hoje, realmente, as vezes a gente percebe mesmo um tráfico maior, eu percebo realmente que violência e tráficos maiores que quando eu entrei em 2008 [E2].

Para além da falta de infraestrutura e locais de lazer explorado anteriormente, há outros pontos que repercutem na fala dos entrevistados, sendo estes: a violência demarcada nos relatos dos entrevistados E2 e E11, a saúde aferida por E5 e E2 e a falta de limpeza pública apontada por E10 e E2. Considerando que os pontos negativos atribuídos à cidade também são formas de representação e percepção do espaço, essa convergência de sentidos de modo geral, possibilita a percepção de que esses problemas estão intrínsecos à formação e funcionalidade da cidade, sendo problemas que afetam a todos.

Sobre a percepção da cidade, ainda cabe a análise acerca da dimensão conhecida e os espaços com os quais os entrevistados estão familiarizados, e nesse aspecto, há uma diferença entre moradores nativos e moradores de repúblicas. Os moradores de república revelam conhecer e frequentar principalmente o centro e a UFV, sendo frequente assertivas como “*o que eu mais frequento é o centro*” [E6] e “*conheço a UFV e o centro, o mais longe que eu já fui foi até o hospital¹*” [E1]. Em contrapartida, os moradores nativos mencionam com facilidade locais para além do centro da cidade, ao ser perguntado quais são os locais frequentados nos finais de semana, alguns respondem “*...eu vou no*

¹ Localizado no centro de Viçosa

restaurante, tem um ali perto de Teixeiras²“[E8], “...eu vou mais no Rancho do Célio³, no Sene que é um campo de futebol que tem perto do Bahamas Mix⁴... barzinho mesmo, alguns Oreste, lá na Barrinha⁵, aqui em cima, perto da Univiçosa⁶...” [E10].

Os lugares conhecidos fazem parte do imaginário e do mapeamento que os cidadãos têm da cidade e estão diretamente relacionados às necessidades, desejos, experiências e interesses de apropriação daquele espaço, além de serem lugares onde o indivíduo é conhecido e reconhecido pelo outro. Por isso, não é acidental que os estudantes se refiram principalmente aos locais próximos à Universidade como aqueles que mais frequentam e estão mais familiarizados.

4.3. O estudante universitário como “o outro”

A percepção e distinção do outro é sempre determinada a partir de valores, experiências, trocas simbólicas e convívio, criando assim um reconhecimento e enquadramento dos indivíduos na comunidade. Neste ponto do trabalho, tentaremos compreender a partir dos relatos dos moradores de Viçosa como eles percebem os estudantes universitário e qual a motivação que os faz caracterizá-los de tal forma. Em outras palavras, na estrutura social que é estabelecida e legitimada pelos nativos, em qual categoria os estudantes estão enquadrados e o que os fazem pensar dessa maneira. Ademais, é importante ressaltar que todos os moradores entrevistados tiveram algum tipo de conflito com repúblicas estudantis, dessa forma, mesmo que subjetivamente, a percepção que eles têm desse grupo social parte também da experiência negativa que vivenciaram.

Os estudantes universitários são teoricamente em Viçosa um grupo que se encaixa na categoria de *outsiders* (ELIAS, 2000), uma vez que diante da facilidade de deslocamento em virtude do desenvolvimento dos meios de transporte, há um predomínio de estudantes que são oriundos de outras cidades, estados ou até

² Cidade vizinha de Viçosa

³ Localizado no bairro Santo Antônio em Viçosa

⁴ Localizado na região Vale do Sol em Viçosa

⁵ Bairro de Viçosa

⁶ Localizado no bairro Silvestre em Viçosa

países, que em geral, se mudam provisoriamente para a cidade devido as atividades acadêmicas. Categoria que teoricamente carrega um estigma de inferioridade diante do grupo estabelecido.

A reflexão realizada por um nativo acerca do envolvimento e do pertencimento dos estudantes a uma “comunidade universitária” põe em xeque o papel social dos mesmos.

Estar em uma universidade é um privilégio que deveria ser dado com senso de responsabilidade muito grande, que significaria que deveria se traduzir em pesquisa, produção de artigo e coisas assim... não acho que isso ocorra, não acho que isso aqui é um espaço de estudo, é um espaço de socialização. Você pega jovens de classe média ou classe média alta, eles vêm pra cá quase como um prolongamento do ensino médio, mas acho que o ensino médio desses meninos era mais sério que o ensino superior, porque no ensino médio tinha o pai cobrando a nota, tinha uma diretora, uma professora cobrando... aqui não, eu acho que as pessoas vem pra cá para curtir. Eu entendo isso aqui como um centro de luxúria, uma cultura helenista, tem uma minoria que se dá verdadeiramente a vida acadêmica, que é verdadeiramente estudante, que verdadeiramente lê, que entende o que tá lendo, que utiliza isso numa carreira, faz valer todo o investimento que o Estado coloca neles, mas a maioria não tem essa preocupação (...) Eu entendo que tem uma minoria que verdadeiramente cumpre o papel de uma comunidade universitária, mas o grosso eu entendo como uma expressão de uma sociedade que sempre funcionou com base em privilégios e benefícios para as classes privilegiadas. Para mim a UFV especificamente é isso, um local onde filho de gente rica pode curtir a vida antes de adentrar a vida adulta, uma espécie de passagem, “vou vim cá, fazer todas as loucuras que eu quiser e depois eu vou trabalhar, vou ser uma pessoa séria, vou agir de acordo com todas as regras que a sociedade exige”... me parece mais isso, quase um centro de lazer, de despedida da vida sem regras [E11].

Os indivíduos por estarem vinculados à universidade teoricamente cumprem todas as formalidades para serem considerados estudantes, no entanto, analisando a primeira seleção lexical do entrevistado E11 “*não acho que isso aqui é um espaço de estudo, é um espaço de socialização*”, percebe-se que para ele os estudantes não utilizam o espaço citadino como um espaço de estudo, de atividades acadêmicas e sim como um espaço para a curtição e lazer. Com isso, considerando a percepção do entrevistado, o papel social esperado do estudante universitário, que é o de ir para Viçosa para se ater aos estudos e à vida acadêmica não é cumprido pela maioria, em suas palavras, “*tem uma minoria que se dá verdadeiramente a vida acadêmica, que é verdadeiramente estudante(...)* mas a

maioria não tem essa preocupação”. A última seleção lexical deixa bem nítida a visão do entrevistado perante os estudantes universitários, afirmando que *“me parece mais isso, quase um centro de lazer, de despedida da vida sem regras”*, ou seja, para ele os estudantes se estabelecem na cidade para se divertirem e aproveitarem de uma vida desregrada.

A percepção de que os estudantes em Viçosa vivem uma vida sem regras, é retratada nas falas de outros entrevistados:

Viçosa já tinha fama de ser a cidade de que você podia tudo, que estudante pode tudo, é festa... eu acho que os estudantes quando vem pra cá já vem com essa... os mal-intencionados já vem com essa visão que pode tudo [E8].

A partir da assertiva do entrevistado E8 *“Viçosa já tinha fama de ser a cidade de que você podia tudo, que estudante pode tudo (...) os mal-intencionados já vem com essa visão que pode tudo”*, observa-se que é atribuído um estigma aos estudantes, de indivíduos que vão para Viçosa e utilizam o espaço citadino de forma desregrada, desrespeitando a ordem estabelecida, fundamentados na visão de que podem fazer tudo.

As pessoas vêm falar que estudante vem só para sujar a cidade, fazer bagunça, mijar na porta dos outros depois da festa, eu acho que tem um pouco de verdade(...) [E10].

Analisando os elementos descritos na seleção lexical do entrevistado E10 é possível relacioná-los ao discurso do entrevistado E11, acerca da utilização do espaço pelos estudantes como *“um centro de lazer”*, pois as atitudes desviantes mencionadas no trecho *“estudante vem só para sujar a cidade, fazer bagunça, mijar na porta dos outros”*[E10] são praticadas quando o estudante está voltando de alguma festa.

Nesta lógica, é interessante pensar o estigma atribuído aos estudantes com base no princípio desenvolvido por Howard Becker (2008), que parte do pressuposto que todo grupo social dispõe de regras que são impostas em certas circunstâncias e aquela pessoa que não as segue é considerado *outsider*, ou seja,

desviante. No caso analisado, o comportamento dos estudantes universitários é percebido pelos moradores da cidade como um comportamento que viola as regras estabelecidas, e aliado ao discurso do não cumprimento do papel social esperado, os estudantes são rotulados como indivíduos que “*vem com a visão que pode tudo*” [E8], fato que contribui para categorizá-los como um grupo transgressor.

Nas assertivas “*eu entendo que tem uma minoria que verdadeiramente cumpre o papel de uma comunidade universitária*” [E11] e “*os mal-intencionados já vem com essa visão que pode tudo*” [E8], percebe-se que há uma compreensão de que não são todos estudantes que praticam atos desviantes, no entanto, isso não reduz o fato do grupo ser relacionado a esse desvio.

Eu acho que tem gente que sabe que sem os estudantes aqui, a cidade não vai pra frente e tem a outra vertente que acha que os estudantes só estragam a cidade... muita coisa é generalizada, realmente tem gente que faz bagunça, que é arruaceiros, tem gente que é inconsequente... tem! Mas também tem gente da cidade que faz a mesma coisa, só que a culpa é do estudante (...) Eu acho que isso é um fator que sempre vai existir enquanto a cidade for universitária, e tem que ser porque se não a economia da cidade acaba, as pessoas vão ter que saber conciliar isso. (...) o bode expiatório, o primeiro alvo são os estudantes e as repúblicas [E3].

A seleção lexical “*tem gente que sabe que sem os estudantes aqui, a cidade não vai pra frente e tem a outra vertente que acha que os estudantes só estragam a cidade...*” traduz a ideia de que aqueles moradores que consideram que o estudante só prejudica a cidade, não percebem a importância do grupo para o movimento da economia. Ademais, o entrevistado afirma que “*muita coisa é generalizada(...)*”, justificando que “*tem gente da cidade que faz a mesma coisa, só que a culpa é do estudante*” [E3], assertiva que colabora para a concepção de que o ato de “*fazer bagunça*” é relacionado somente ao estudante, que é censurado por isso.

Fato que pode ser explicado a partir da teoria de Becker (2008), que aponta que o desvio da norma é resultado não do ato em si, mas da aplicação dessas regras a pessoas particulares, em outras palavras, o grau que o ato será tratado como desviante dependerá de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele, pois as regras “tendem a ser aplicadas mais a algumas pessoas do que a outras.” (Ibid p.24), o que faz com que o grupo de estudantes seja sempre o primeiro

alvo a ser culpabilizado, legitimando que o desvio não é algo que reside exclusivamente no próprio comportamento e sim na interação da pessoa que comete o ato e naquelas que reagem a ele.

Por exemplo, a Santa Rita hoje é um ponto que segunda-feira os bares funcionam até 1h, 2h da manhã, e final de semana você vê 500 pessoas tomando cerveja, consumindo por ali. Existem duas formas de vê isso: poxa, movimento na rua, dinheiro que tá sendo movimentado na cidade, a outra forma é: esses meninos tão aqui, fazendo bagunça, fazendo barulho, usando droga e não deviam estar aqui [E2].

O fragmento discursivo acima reforça a questão da importância da presença do estudante para a economia da cidade. Argumenta-se que “*existem duas formas de vê isso: poxa, movimento na rua, dinheiro que tá sendo movimentado na cidade, a outra forma é: esses meninos tão aqui, fazendo bagunça...*” [E2]. Em contraste com a percepção de “bagunça” atribuída pelos moradores de Viçosa, o estudante se posiciona no espaço como sinônimo de circulação da economia da cidade.

Essa rixa entre nativos e estudantes e repúblicas vai continuar enquanto eles (os nativos) não entenderem que Viçosa cresceu por conta da universidade, por conta dos estudantes que passaram por aqui, inclusive, às vezes eu acho que eles são muito hipócritas, porque as pessoas aqui têm uma universidade tão boa quanto a UFV é, eles não dão valor a ela e aí falam mais mal do estudante [E7].

O trecho aferido pelo entrevistado E7 traduz muito bem a ideia de que além dos estudantes universitários se considerarem indivíduos imprescindíveis para o desenvolvimento da cidade, compete aos moradores nativos compreenderem e conseqüentemente aceitar os comportamentos dos estudantes para que não haja mais “*essa rixa*” entre eles. Na assertiva “eles não dão valor a ela (UFV) e ainda falam mais mal do estudante”, percebe-se que o estigma atribuído aos estudantes é claramente percebido por eles, no fragmento.

4.4. O uso da cidade pelos estudantes universitários

4.4.1. Repúblicas estudantis: espaço físico do universitário na cidade

As repúblicas estudantis simbolizam os espaços físicos dos estudantes nas cidades, são imóveis, casas ou apartamentos, onde os estudantes moram com seus pares e dividem os gastos. Viver em uma república para o indivíduo é sinônimo de liberdade, de estar fora do controle dos pais, adquirindo uma autonomia em relação à sua vida e ao seu comportamento. É justamente dessa liberdade que um dos entrevistados afirma sentir falta quando não está em Viçosa, pois na casa dos pais *“tem aquele controle da família, o que você vai fazer, que horas você vai chegar, o que você tava fazendo, que festa você vai, quanto que você tá gastando... aqui não, aqui você é livre pra fazer o que você quiser”* [E7].

Essa liberdade está relacionada também com a fase de vida que a grande maioria dos estudantes estão, a juventude, que é considerada uma transição para a vida adulta, vista como um estado de espírito do qual o indivíduo vive de forma mais intensa, buscando a liberdade, prazeres e novas sensações, além de ter o entretenimento e o lazer ocupando parte considerável de seu tempo livre (ABRAMO, 2011; DAYRELL, 2003) fatores que em um ambiente familiar muitas vezes não são possíveis, devido ao controle e autoridade dos pais.

É nesse contexto de se morar em uma república, associado ao aparecimento de um comportamento autônomo, que as festas, aliado ao consumo de álcool e muitas vezes de drogas, surgem como um rito e como uma das principais formas de lazer desses indivíduos. Considerado como um momento de integração e sociabilidade dos jovens entre si, que compartilham da mesma experiência que é a vida universitária.

Com isso, as repúblicas se tornam um local representativo de festas de universitários, por combinar dois elementos inéditos até então: a liberdade de não morar mais com os pais e estar *“livre pra fazer o que você quiser”* [E7] e o compartilhamento de um espaço onde há uma convivência entre jovens com esse espírito de experimentação, de interação e de lazer sem a vigilância da família.

4.4.2. Repúblicas como locais de festas

Considerando os relatos dos moradores de república, é importante ressaltar que o que se compreende aqui como festas em repúblicas está relacionado

principalmente a eventos de caráter comemorativo, dentre estes destacam-se aniversário de algum estudante ou mesmo da república, biografias (festas realizadas para quem está se formando no curso) e integrações de cursos. Fazendo com que grande parte do público da festa sejam de pessoas conhecidas, fato que para alguns entrevistados é um dos grandes atrativos

Eu acho que o fato da turma gostar (das festas de república) já começa, vamos dizer, por serem festas menores, e acaba que, geralmente quando começa a acontecer uma festa é porque a república já tem um grupo de amigos, que já chama novos amigos e essa rede vai crescendo... então essa rede de contato crescendo fica um ambiente mais caloroso, mais contagiante e que as pessoas acabam sendo mais contagiada e tendo um conforto maior de saber que é uma festa para menos pessoal, e geralmente ali tem mais pessoas conhecidas, e acho que parte um pouco desse princípio assim [E4].

Porque é mais barato, então assim, você vai em uma festa maior, você vai gastar quarenta, cinquenta reais... e é bebida liberada do mesmo jeito, na de república, você vai gastar, dez, quinze, vinte (reais) no máximo e vai suprir sua necessidade de festa [E7].

Com os relatos acima, é possível caracterizar as festas de repúblicas como festas com um preço mais acessível e que produz um ambiente de personalidade e intimidade, por serem festas com menos pessoas e de pessoas conhecidas, promovendo um ambiente de maior interação. Além disso, todas as festas de república são *open bar*, de bebida liberada, ou seja, os participantes têm um custo somente na entrada da festa e durante todo o evento as bebidas podem ser consumidas à vontade.

Eu particularmente nem acho que seja uma ideia bacana (ganhar dinheiro com festas de república), porque querendo ou não, acho que o momento que leva isso como um espaço de fazer festa, pra ganhar dinheiro, perde um pouco a essência da república, eu acho que fica ruim. Eu sempre gostei que as festas da (nome da república) fossem festas assim: a gente ta rachando os custos pra tomar cerveja, se chega duas pessoas e dão quinze reais cada um, a gente pega os trinta reais e compra mais cerveja [E2].

Neste trecho podemos verificar que as festas são sem fins lucrativos, haja vista que se perderia “*um pouco a essência da república*” caso houvesse o intuito de ganhar dinheiro. Em todos os relatos dos moradores de república é exposto que

o dinheiro excedente das festas é revertido para república, a ser utilizado posteriormente com reformas, compra de algum material ou algo do tipo, conforme apresentado pelo discurso:

Foi criado uma conta que a gente fala que é a caixinha da casa, tudo que a gente ganha de benefício, a gente reverte pra casa, então é uma forma também de assegurar para nós caso tenha que fazer uma manutenção ou comprar alguma coisa, tem um dinheiro separado [E7].

Ainda cabe uma reflexão acerca dos fatores que levam uma república ser transformada em um espaço organizado para atividades de lazer dos jovens.

Isso acaba sendo uma consequência (fazer festas em república) eu inicialmente eu fui morar lá, pra realmente morar lá, a casa era grande, o quarto que tinha era mobiliado, então não precisava de gastar com cama, com armário. Pra mim isso era vantajoso, bem localizado, tem espaço de convivência, churrasqueira, piscina e tal... (...) E por ter aquele espaço e tipo assim, não tava fazendo festa, mas você chamava um cara pra fazer um churrasquinho, aí vinha galera... [E3]

A gente não queria mudar pra um lugar para fazer festa não, não era a intenção da república e acho que até hoje não é, a (nome da república), especificamente, o foco nosso por incrível que pareça não é fazer festa. Aí a gente mudou e poxa, tinha um terraço bacana (...) o terraço é zuado mas a vista é legal, aí ah, a gente fazia um churrasco de vez em quando, integrava, fazia um aniversário, faz não sei o que... e começou a surgir muita gente “ah, queremos fazer uma integração da Economia, posso fazer na sua casa?”, pode, (...) aí biografia, “ah, vou fazer minha biografia, pode fazer lá?” pode... Viçosa é muito carente de espaços de festa barato, tipo assim, a especulação imobiliária e o jeito como a cidade cresceu, cresceu tudo em um ovo próximo a universidade, os apartamentos novos hoje são todos pequenos, você não acha um apartamento hoje novo com uma área que você possa tomar uma cerveja sem incomodar os outros [E2].

Na primeira seleção lexical de ambas as falas, é declarado que o intuito inicialmente não era de fazer festas. A partir dos fragmentos do entrevistado E3 “a casa era grande”, “tem espaço de convivência, churrasqueira, piscina e tal” e do entrevistado E2 “aí a gente mudou e poxa, tinha um terraço bacana” percebe-se que um fator primordial está relacionado a questão estrutural, ao espaço disponível que a residência oferece sendo este “uma consequência”[E3] para a realização de festas. Além disso, a premissa “Viçosa é muito carente de espaços de festa barato” retoma a discursão realizada anteriormente acerca da falta de espaços de lazer na

cidade, que também pode ser considerado um fator para a realização de festas em repúblicas.

No entanto, para além do espaço oportuno, são mencionadas algumas características dos moradores que auxiliam para que a república seja um local que realiza esses eventos, como o fato destes gostarem de festas, de interagir com as pessoas, de ser aberto as experiências que envolvem o convívio, a sociabilidade e a uma rotina que não está relacionada unicamente aos estudos, sendo definido por um dos entrevistados como “*o maior desafio da república*” [E4].

O bom de você morar em república é que você sempre vai ter um convívio social com alguém, quando você tá mal, alguém vai perceber e vai falar com você, mas só que aí tem o lado de festeiro né, de dar bagunça, porque as vezes pode te atrapalhar. A pessoa não tem muito foco aí vai e atrapalha ela a criar uma agenda, sempre tá acontecendo alguma coisa na república aí ela tinha planejado uma rotina e vai, foge daquilo, aí ela se perde [E5].

Tipo, se você quer fazer qualquer coisa, sempre vai ter alguém querendo fazer também, então assim, tem essa convivência e essa relação muito mais presente né... aí acaba que, eu não sei se eu posso categorizar isso como uma coisa que influencia negativamente, tipo assim, às vezes você tem que fazer um TCC ou menos que isso, um trabalho ou alguma coisa assim, só que você tá lá conversando com todo mundo na cozinha e fica por lá, porque surge assunto direto (...) todo dia tem muita gente pra você conversar, muita coisa pra você fazer e isso aí atrapalha, querendo ou não, porque depende muito de você [E7].

A partir das seleções lexicais destacadas observa-se que devido à convivência com um grupo de pessoas que gostam de interagir, frequentemente terá alguém para conversar ou então estará “*acontecendo algo na república*”[E5], condições que podem desviar o estudante dos compromissos acadêmicos estipulados.

Eu acho que a ideia dos meninos quando começou era arrumar um lugar barato pra morar, só que aí, imagina, sete, oito, dez pessoas em uma casa, cada um tem seu grupo de amigos, aí você tem um espaço grande na sua casa (...) aí se no mesmo fim de semana dois moradores da casa junta cada grupo de amigos da nada nada dez, vinte pessoas na casa (...) são dez pessoas na casa, se dividir um fim de semana pra cada um, vai ter festa o ano inteiro [E5].

Outro ponto que pode influenciar para que a república se transforme em um local de confraternização está relacionado à quantidade de moradores, como apontado no trecho discursivo acima, o entrevistado E5 explicita que em uma casa que possui “*sete, oito, dez pessoas*”, se cada morador convidar seu grupo de amigos obviamente o número de indivíduos na residência aumentará, e consequentemente configurará em um espaço de descontração e interação de jovens.

Por fim, uma particularidade em se morar em um lugar que realiza festas é ter uma modificação do espaço e muitas vezes uma degradação do ambiente, fatores que podem levar até a um desapego do lugar. Em todas as entrevistas alega-se que há uma reorganização da casa para que a festa seja realizada, que vai desde trancar alguns cômodos, virar a porta da geladeira para a parede e mudar alguns móveis de lugar.

Inclusive já teve uma (república) que eu morei que eu tinha que tirar tudo do meu quarto, porque tinha um banheiro no quarto, e aquele banheiro era um dos banheiros que ajudava a desafogar... e tinha que voltar tudo, aí você voltava o quarto tava todo sujo, aquele negócio todo... aí você ficava assim “nossa, esse é meu quarto... esse é o quarto que eu durmo...”. Enquanto entrava no banheiro, a fila era no quarto, as vezes no quarto mesmo já mijava ali, então era aquela bagunça. É lógico que depois limpava tudo... (...) e também essas coisas, da depreciação que acontece, você vê as pessoas as vezes quebrando uma coisa ou outra, a pessoa tá bêbada, você não pode fazer nada né, mas fica aquele negócio, aquela sensação meio estranha assim... mas a gente vibrava, era aquilo que a gente queria, a gente sentia bem com os amigos, geralmente boa parte, ainda mais quando é em república, boa parte que vai geralmente são os amigos, a rede de contato dos 8 (moradores) ali... então era bom vê isso acontecer em casa [E4].

Nesse trecho discursivo, apresenta-se a questão da reorganização do espaço, especificamente do quarto do entrevistado, que retirava todos os móveis para que o banheiro fosse utilizado pelos participantes da festa. Na seleção lexical “*aí você voltava o quarto tava todo sujo*”, percebe-se um incômodo devido à depreciação do ambiente. No entanto, no fragmento “*você vê as pessoas às vezes quebrando uma coisa ou outra, a pessoa tá bêbada, você não pode fazer nada né, mas fica aquele negócio, aquela sensação meio estranha assim*” é interessante analisar que há uma compreensão acerca das atitudes dos indivíduos na festa

tendo em vista a condição dos mesmos estarem alcoolizado, ainda que isso gere uma “*sensação estranha*”. Compreensão que pode ser explicada pelo reconhecimento mútuo entre esses indivíduos, pois tanto o morador de república quanto o participante da festa compartilham e vivenciam o espírito de juventude em uma cidade universitária, compondo assim, uma identidade coletiva que torna algumas ações previsíveis.

Assim como o entrevistado E4, outros moradores de república também relataram e asseguraram estarem acostumados com coisas quebrando, objetos sumindo depois da festa, pessoas pegando comida na cozinha, além da degradação do espaço, como indivíduos que urinavam e até defecavam no chão da casa. No entanto, é recorrente o discurso de que é necessário estar disposto a esse tipo de coisas ou de que é necessário ter um certo tipo de flexibilidade frente a esses acontecimentos.

Depois da festa o chão fica uma “nhaca”, você vai andando de chinelo pela casa, o quarto fica arrumadinho porque ninguém entra nele, mas você vai andando o chinelo vai pregando, isso até alguém limpar ou até a empregada chegar no dia seguinte, essa parte realmente é um pouco complexa, mas assim, a gente gosta, nunca foi algo que impede [E2].

Eu não me importo assim, porque eu acho que quando você entra numa república assim, tem muita coisa que acontece que se você for muito fresco você não aguenta... porque o que que acontece, se você morar sozinho, você vai ter tudo seu ali então, você tem um apego maior as coisas, aí quando você mora com mais pessoas assim, igual lá, eu acho que meio que você desapega disso, entendeu? [E7]

As assertivas “*mas a gente vibrava, era aquilo que a gente queria, a gente sentia bem com os amigos*” [E4], “*essa parte (bagunça pós-festa) realmente é um pouco complexa, mas assim, a gente gosta, nunca foi algo que impede*” [E2] e “*eu não me importo assim, porque eu acho que quando você entra numa república assim, tem muita coisa que acontece que se você for muito fresco você não aguenta...*” [E7] demonstram que a vontade e a gratificação em realizar festas é superior aos incômodos, por isso, ter que tolerar a casa suja e não ter um apego às coisas que se têm na casa não impede a ocorrência do evento. Com isso, percebe-se que é atribuído à república um significado sobretudo de espaço de lazer.

Curiosamente nosso problema maior não é o som alto, é a gritaria das pessoas, e essa é uma parte mais difícil de controlar... a gente tentou pedir para a galera parar de entoar gritos de: “chupa UFMG” por exemplo... parece que quanto mais novo é a galera maior é o berreiro... [E2]

Neste fragmento verificamos que o entrevistado atribui a “*gritaria das pessoas*” como o maior problema das festas em sua república, afirmação que traduz bem a ideia de que as festas estudantis são momentos que os indivíduos têm para extravasar, de tal modo que os condiciona a fugir das normas e do bom senso. Nesse sentido, faz-se necessário compreender o que favorece esses comportamentos extremos, tendo em vista tanto o contexto universitário quanto a condição de juventude.

4.4.3. A república como espaço de desenvolvimento e contestação

Como discutido anteriormente, o jovem, ao morar em uma república, tem sua liberdade perante o controle da família, ambiente que é considerado como o primeiro local ao qual o indivíduo recebe referências para a constituição de sua identidade perante a sociedade, sendo o filtro ao qual o mesmo começa a ver e a significar o mundo, em outras palavras, a família é a instituição básica e primordial de constituição dos valores do indivíduo.

Ao sair da casa dos pais, o indivíduo adquire certa independência e o fato de morar e ter contato constante com outras pessoas que também estão vivenciando esta experiência, favorece a “busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, como parte de seu processo de individualização, perante o mundo familiar e social” (SARTI, 2004, p.123).

A busca de outras referências aliada ao estado de espírito de juventude vivida pelos estudantes universitários faz com que os lazes desses indivíduos estejam associados a alguns valores que podem conflitar com os valores adultos. A partir da perspectiva da cultura jovem, compreende-se que os jovens tendem a desenvolver um estilo de vida próprio, e aliado ao fator de estar longe da família, o lazer torna-se extremamente variado, contrapondo com divertimentos considerados estáveis e convencionais (PARKER, 1978).

Constata-se então que a vida universitária relacionada à vivência em repúblicas é um momento propício que os jovens têm para colocar em xeque certos valores, instituídos principalmente pelo ambiente familiar. Nesse sentido, a bagunça, o extrapolar na bebida, os berros, a quebra de objetos, o fazer xixi no chão e etc., podem ser considerados atos simbólico de um estado de espírito contestador da ordem socialmente estabelecida, pois a cultura jovem predispõe também um espírito de contestação, de comportamentos ilícitos e que até então não eram permitidos no ambiente familiar. O entrevistado E9 destaca este comportamento no trecho:

Eu acho que, o que que acontece, quando a gente é jovem, muito jovem... eu acho que o jovem ele parece que quer contestar tudo, ele quer contestar, ele parece que tem uma necessidade de desobedecer tudo, que é lei, de desobedecer tudo, então ele acha que pode tudo [E9].

Observa-se que o espaço das repúblicas, se torna um local propício para o comportamento contestador, pois sabe-se que dificilmente terá alguma reprovação das pessoas presentes naquele espaço, pois como apresentado e analisado na seção anterior, os próprios moradores de repúblicas, ao perceberem que o indivíduo está realizando algum ato enfadonho durante a festa, não o repreende por isso, e ainda afirmam estarem acostumado com certas atitudes, em outras palavras, é esperado que essas atitudes ocorram.

Com isso, verificamos que dentro das repúblicas estudantis há uma ordem estabelecida que aceita comportamentos até então considerados desviantes e repreendidos pela sociedade. Essa condição auxilia na compreensão da convergência do uso do espaço e do reconhecimento de papéis sociais, na medida em que se percebe que nas festas em repúblicas há um *script*, ou seja, um sistema de uso (SANTOS, VOGEL e MELLO, 1985) que é previsto, reconhecido, e legitimado, sendo este, considerado desviante em relação a um padrão socialmente estabelecido.

É relatado pelos moradores de república alguns pontos positivos referentes à experiência de se morar em um local que realiza festas e da convivência e interação com indivíduos que não possuem vínculo familiar.

Lidar com o público, lidar com o grupo, de tomar decisões, estratégias, correr o risco... puxa um tempo mais por um lado ganha outro... que muitos se destacaram ali depois até com esse desenvolvimento que eles não tinham, depois eles foram descobrindo, que era bom líder, ou era bom negociador, era bom de venda, era bom de planejamento e tinha essa coragem para fazer as coisas [E4].

Na seleção lexical do entrevistado E4, menciona-se aspectos que o indivíduo é capaz de desenvolver especialmente quando vive em uma república que realiza festas, sendo estes voltados principalmente para um crescimento empreendedor, que é descobrir ser um bom líder, um bom negociador, bom de venda, de planejamento. Percebe-se então que o ato de promover festas em repúblicas envolve não só a busca pelo lazer e diversão, mas também há um “trabalho” por traz que permite com que os moradores tenham contato com afazeres que estimule um espírito empreendedor.

O bom é que você aprende muito a lidar com pessoas, você vê que cada um tem a sua verdade, aquilo que acha certo em relação a alguma coisa e mesmo que uma decisão vá contra aquilo que você queria que acontecesse não quer dizer que tá errado. (...) você quer alguma coisa daquela forma, você quer que tenha um liquidificador, um máquina e tal, aí outra pessoa quer que tenha uma televisão, o outro uma mesa de sinuca... aí você tem aquele imediatismo de querer aquilo, você vê que a república tem o dinheiro pra comprar mas não é a prioridade de todo mundo, aí você tem que sentar e conversar e tentar politicamente tentar convencer que aquilo que você tá falando é mais necessário que os outros.. e isso aí você desenvolve, você desenvolve várias coisas, oratória, essa empatia [E5].

Neste trecho verificamos que o entrevistado atribui o viver em república ao aprender a lidar com pessoas, sendo um espaço onde “*cada um tem a sua verdade*”, ou seja, sendo necessário lidar com opiniões diferentes. A convivência diária e o compartilhamento de uma moradia, no caso estudado, de uma república, sugere a criação de afeto, de sociabilidade e de preceitos democráticos, por isso, visando a harmonia nesse espaço é importante que os indivíduos desenvolvam alguns princípios, dentre estes, a empatia e o “conversar politicamente” mencionados pelo entrevistado E5.

Por ser um lugar onde haverá uma convivência com pessoas que não pertencem ao ambiente familiar, é conveniente agir de forma cortês, uma vez que

o indivíduo encontra-se distante do espaço doméstico, da estrutura familiar, local responsável pela sensação de segurança e aconchego (PIRES, 2008 *apud* SAYEGH, 2012), dessa forma visando o bem-estar dos indivíduos, é primordial que haja uma interação agradável.

4.5. A cidade como um local de conflito

4.5.1. Incompatibilidade dos sentidos de usos: o conflito com as repúblicas que fazem festas

Nota-se que as repúblicas estudantis são os espaços do qual os indivíduos se sentem livres para testarem coisas novas e colocar em xeque alguns preceitos instituídos no ambiente familiar. No entanto, esse sentido de uso dentro de um contexto macro, que é a vizinhança, causa incompatibilidade com os moradores nativos, que atribuem o local que moram a particularidades como sossego, tranquilidade e como um local de descanso.

Nesse sentido, a frequência das festas aliada ao excesso de barulho são fatores desencadeadores para a perturbação e o conflito desses moradores com as repúblicas:

Olha eu não vejo problema nenhum em fazer festas, por exemplo, eu vou a festas, eu vou a bares, eu saio, eu divirto, tem meu momento que eu quero escutar música alta também, só que eu acho que nós temos que ter limites. Limites de dias, limites de horas... eu não vou colocar uma música no último volume na minha casa quarta feira a noite, quarta pra quinta, de quinta pra sexta, que era o que acontecia geralmente, eles não tem hora. Não tem hora pra fazer barulho, não tem hora pra festa, não tem hora pra algazarra, parece que não tem ocupação, que não tem o que fazer. Então assim, eu tenho consciência de que eu tenho vizinhos que trabalham, que pode ter algum idoso, que pode ter algum doente... uma coisa é você fazer uma festa no fim de semana que é hábito cultural, todo mundo faz, a maioria das pessoas se reúnem em um sábado à noite, seja dentro de casa, seja em um bar, escuta uma música, bebe, fala alto, conta piada... eu faço isso, todo mundo faz isso. Outra coisa é quando isso começa a sair dessa coisa que é praticamente padronizada e vai para um outro patamar, para um outro nível... de segunda para terça, do nada assim, na quarta-feira, na quinta.... Então assim, o meu problema era quando isso acontecia durante a semana [E12].

Eles faziam festa praticamente quinta, sexta, sábado e domingo...então aquilo começou a me incomodar, era muita festa. Se você faz uma festa na sua casa, é seu aniversário amanhã, e você fica até 1h da manhã com

barulho, vizinho nenhum vai te falar nada, você fez uma festa. Mas você fazer festa durante 4 dias da semana e você ter aquela música infernal na sua cabeça (...), eles podem fazer festa? Podem, não tem problema nenhum o cara fazer uma festa, só não pode ser aquele negócio que parece que eles estão fazendo festa para arrecadar dinheiro, eu não sei se a intenção deles é esse, então é festa direto... ai você fica assim “pô, como é que esse cara está estudando se ele fica a semana inteira com essa festa?” (...) você fica assim pensando “porque que o cara tem que fazer festa a semana inteira?”, faz uma festa até 22h da noite, começa duas horas da tarde e vai até dez horas da noite, você não perturba ninguém. Não há necessidade do cara ficar a noite inteira com aquilo, sabe [E10].

Eles chegaram com uma proposta de festa, eles não estavam ali para morar, eles estavam ali para fazer festas. (...) e eu achava magnifico como uma pessoa pode passar o dia inteiro com o som ligado, altão, cantando, fumando maconha o dia inteiro, tocando berimbau, violão... nossa, para mim a pessoa não faz nada, então eles tinham muito tempo para gastar, e eles gastavam isso fazendo barulho, parece que a graça do lazer eram coisas sonoras, foi muito complexo [E11].

Percebe-se pelos discursos dos entrevistados E10 e E12 que o comportamento dos moradores de república é desviante considerando o padrão instituído e legitimado por eles, como nas sentenças *“eu não vou colocar uma música no último volume na minha casa quarta feira a noite”* [E12], *“você fica assim pensando ‘porque que o cara tem que fazer festa a semana inteira?’* [E10]. Ambos os trechos demonstram que a conduta dos estudantes é incompatível com o que é considerado apropriado.

O rompimento do comportamento esperado é relacionado a uma extrapolação de limites, percebido na frase *“olha eu não vejo problema nenhum em fazer festas (...) só que eu acho que nós temos que ter limites”* [E12], fundamentado pelo fato das festas ocorrerem durante a semana, como ilustra o trecho *“(faziam festas) de segunda para terça, do nada assim, na quarta-feira, na quinta... Então assim, o meu problema era quando isso acontecia durante a semana”* [E12]. A partir desses relatos constata-se que o que incomoda os moradores entrevistados são as festas que ocorrem principalmente nos dias de semana, e nesse sentido, podemos aferir novamente que há um rompimento quanto ao que é considerado adequado e acerca da rotina e do uso do espaço.

Constata-se então que os moradores de Viçosa possuem práticas e normas estabelecidas que não compactuam com as dos moradores de república, evidenciando a característica do espaço citadino como um lugar de encontro da alteridade. Nota-se também que as práticas dos moradores de república afetam o

estilo de vida dos nativos, reflexão fomentada pela lógica dos “estabelecidos” e “outsiders” (ELIAS, 2000), gerando uma falta de coesão no território compartilhado e conseqüentemente interferindo na dinâmica e representação do espaço ocupado legitimada pelos moradores mais antigos.

Ainda cabe uma reflexão acerca do fundamento que os moradores atribuem a essa frequência de perturbação, as assertivas “*nossa, para mim a pessoa não faz nada, então eles tinham muito tempo para gastar, e eles gastavam isso fazendo barulho*” [E11], e “*parece que não tem ocupação, que não tem o que fazer*” [E12], traz a ideia de ociosidade dos indivíduos, que utilizam desse tempo livre para o lazer, argumento que coaduna com o que se compreende por espírito jovem, que é ter o entretenimento e o lazer ocupando parte considerável de seu tempo livre (ABRAMO, 2011; DAYRELL, 2003).

A partir da assertiva “*aí você fica assim ‘pô, como é que esse cara está estudando se ele fica a semana inteira com essa festa?’*” [E10], percebe-se novamente o discurso acerca do papel social esperado dos estudantes. O questionamento realizado pelo entrevistado declara a incompreensão com relação a frequência das festas, tendo em vista que, a estadia desses indivíduos em Viçosa, a princípio, é motivada pela atividade acadêmica, nesse sentido espera-se que uma das ocupações predominantes em suas rotinas seja ater-se aos estudos.

Portanto, o fato do papel social não ser realizado da forma esperada, contribui para uma socialização precária, pois suscita uma falta de reconhecimento, tendo em vista que a relação e a integração na comunidade se dá a partir do enquadramento do indivíduo ao que é considerado desejável, sendo importante que todos saibam o que esperar de cada papel (LOPES, 2008, p. 115).

Ao relatar sobre o conflito ocorrido com os moradores da república vizinha, foi possível perceber mudanças de expressões faciais e de entonação da voz, o que sinaliza que a perturbação foi um fato nocivo e significativo na vida dos entrevistados.

Eu chegava aqui (no trabalho) estressada direto, eu parei nos meus estudos porque eu tava estudando para outro concurso, parei com minha pós, eu não tinha ânimo nenhum de estudar, nem eu nem meu marido. Atrapalhou com nossa vida assim, acabou com a gente, por causa do sono que a gente tinha e nervosismo, nós ficamos muito estressados... Não importava se era frio ou se era calor, a gente dormia com o ventilador ligado todo santo dia, para poder o barulho do ventilador abafar um

pouquinho, a gente fechava toda as janelas, basculantes, banheiro (...) Olha, a gente que já tava em tempos de fazer uma besteira... [E8]

Foram meses muito complexos... e eu particularmente ficava mais transtornado, porque assim, meu pai já tinha falecido, e meu pai nos últimos momentos de vida ele tava com câncer no cérebro, a cabeça dele doía... eu ficava pensando, se meu pai tivesse aqui, esses filhos da puta não iam estar nem aí, então isso mexia muito comigo, dava vontade de partir para outros caminhos. (...) eu pensei diversas vezes em partir para violência, quebrar todas as janelas, colocar cadeado no portão, tacar fogo no padrão de luz, agredir fortemente todos: paulada, pedrada, eu pensei em ligar para os meus primos, pegar arma, arrombar a porta... Pensei fortemente em fazer isso, em outros tempos eu faria [E11].

Considerando que a vizinhança é a base mais simples e elementar de associação na organização da vida cidadina (PARK, 1967), é imprescindível que haja uma harmonia nesse espaço comunitário, pois é o local compartilhado que compreende as residências dos indivíduos, ou seja, envolve essencialmente a vida íntima e privada do ser. Nesse sentido, as assertivas *“atrapalhou com nossa vida assim, acabou com a gente, por causa do sono que a gente tinha e nervosismo, nós ficamos muito estressados”* [E8] e *“foram meses muito complexos... eu pensei diversas vezes em partir para violência”* [E11] comprovam que a perturbação causada pela república afetou a vida cotidiana e o estado de espírito dos entrevistados.

Já joguei balde de água nos outros na rua... no pessoal que tava ali na porta fazendo barulho de madrugada... tive vontade de jogar água fervendo...(...) aí um dia eu joguei um balde de água gelada... gelada mesmo, coloquei um baldezinho na geladeira e deixei preparado [E12].

Eu já cheguei para sair de moto para trabalhar e a moto estava com os pneus vazios, só que aí minha vingança também foi maligna né, eu fiz uma com eles também que eu furei o pneu do carro deles tudo. Tinham quatro carros, eu coloquei prego no toquinho de madeira e coloquei debaixo da roda dos carros em todas as rodas dos 4 carros, entendeu...” (...) então eu fiz isso com eles também, mas já apareceu carro deles lá com outros problemas que outros vizinhos devem ter feito,[E10].

As seleções lexicais dos entrevistados E12 e E10 possibilitam inferir que a perturbação do equilíbrio e da tranquilidade da vida privada do indivíduo incita atitudes agressivas. Ações dessa ordem configuram a imposição de relações de poder e tendo em vista que a cidade é um local de disputa, principalmente de representação social (SÁNCHEZ, 2001), o ato jogar um balde de água ou furar o

pneu do carro é sobretudo simbólico, sendo um meio de preservar a ordem estabelecida.

Considerando que a desordem da vizinhança associada ao mau uso da propriedade, no que diz respeito à perturbação sonora, afeta a sanidade da pessoa, sendo o direito ao sossego um princípio essencial para a preservação da qualidade de vida e bem-estar do indivíduo, para a resolução do conflito, é retratado pelos moradores nativos a tentativa de diálogo.

Aí eu expliquei, para evitar de fazer o barulho pelo menos após as 22:30 para a gente poder dormir, porque a gente trabalha na UFV, que a gente acorda cedo. Eu levanto cedo, tem dia que 5:30 eu já levantei... [E8]

Eu fui algumas vezes, conversei, eu cheguei a entrar dentro da casa dos caras, sentar na mesa dos caras, para conversar igual gente mesmo, tentei fazer uma parada comunitária, conversar com meu vizinho... [E11]

A tentativa de resolver o problema através do diálogo pressupõe uma conciliação cordial, baseado no princípio de personalidade e de vida comunitária, que reforça um comportamento vinculado à sociabilidade. No entanto, todos os moradores de Viçosa entrevistados afirmam que o diálogo não solucionou o conflito.

A dificuldade de se resolver o problema por meio do diálogo evidencia o individualismo constituído no mundo moderno, que na condição de vizinhança, reflete a socialização precária e a incompreensão coletiva. Percebe-se que na medida em que há uma dissolução acerca do sentimento de coletividade, os indivíduos pouco se importam com o outro. Transformando assim, o espaço compartilhado da vizinhança em territórios fragmentados permeados pela desintegração social e anonimato dos indivíduos.

Nesse sentido, recorre-se ao poder público na tentativa de resolver o problema de convivência, dessa forma, a polícia é acionada e são realizados boletins de ocorrência (BOs).

O policial militar falou comigo que não daria em nada (o B.O), na delegacia que são policiais civis me falaram que não daria em nada, dentro da delegacia civil com a equipe que faz o registro, eles me falavam que o que geralmente acontece é o juiz tentar de toda forma apaziguar e fazer as

partes apertarem a mão e dizer que não vão mais causar problema. Se por um acaso o cara continuar (com o processo), vai dar uma multa que reverte em cesta básica ou serviço comunitário, mas para chegar num ponto de que realmente puna o cara, você primeiro tem que ter um abaixo assinado [E11]

Aí a polícia orientou o que era para fazer, que era já para fazer representação. Não era nem para ligar para órgão da prefeitura, para medir ruído.... É para representar contra eles já na polícia, eu já entrar com processo de uma vez. Os próprios policiais nos orientaram que quando é assim não adianta conversar. Aí o que que nós fizemos, fomos na imobiliária e reclamamos com a imobiliária, e na imobiliária eles falaram “não... a gente não pode fazer nada...” e eu tenho um cunhado que é advogado, aí meu cunhado falou “pega um abaixo assinado da rua inteira e vamos tentando conversar na imobiliária e conversar com eles”. Aí eu peguei um abaixo assinado da rua inteira [E9].

Na primeira seleção lexical do entrevistado E11 percebe-se a insuficiência da resolução do conflito através da realização de BO's anunciada pelo próprio policial militar. A assertiva “*os próprios policiais nos orientaram que quando é assim não adianta conversar*” [E9] reafirma que a tentativa de solução por meio do diálogo é ineficaz, ideia que é complementada pela afirmativa “*eles (equipe que faz o registro) me falavam que o que geralmente acontece é o juiz tentar de toda forma apaziguar e fazer as partes apertarem a mão e dizer que não vão causar problema*” [E11]. Compreende-se então que quando a ocorrência é apurada pelo juiz, há uma tentativa de conciliação por meio de um encontro cujo objetivo é promover o diálogo entre os vizinhos em conflito, no entanto, a assertiva indiretamente sugere que, ainda que haja uma figura pública, o problema não é resolvido pela estratégia de diálogo.

Percebe-se que na medida em que o poder público não consegue resolver esse tipo de problema, os entrevistados passam a tomar outras iniciativas, como reclamar na imobiliária e recolher um abaixo assinado, sendo que esta última atitude foi sugerida ao entrevistado E11, que relata que “*para chegar num ponto de que realmente puna o cara, você primeiro tem que ter um abaixo assinado*”. Constata-se então que significado e a relevância do abaixo assinado nesses tipos de conflitos refletem uma busca de resultados coletivos, a partir da comprovação de que há uma coletividade incomodada e que está tendo suas regras sociais infringidas, e possivelmente essa representatividade de um coletivo potencializa a resolução do conflito.

Outros relatos como buscar outro imóvel, entrar em contato com o proprietário do imóvel e chegar ao ponto de abrir um processo judicial contra a república aparecem nas entrevistas, no entanto todos os moradores entrevistados se queixam da ordem pública, sendo esta ineficaz para a resolução dos conflitos de vizinhança. A resolução de todos os conflitos ocorreu com a mudança dos estudantes do imóvel em algum momento, entretanto nenhuma sucedeu de processo judicial.

4.6. A relação dos moradores de república com a vizinhança

Em todos os relatos, o bom relacionamento com a vizinhança é elencado como algo importante, tanto na visão dos moradores de Viçosa quanto dos moradores de república. Os vizinhos são relacionados como aquelas pessoas que estarão dispostos a ajudar, a emprestar alguma coisa e que *“tomam conta da sua casa quando você viaja”* [E9].

Primeiro é impossível você não lidar com seu vizinho, você vê todo dia ele, segundo, quando você tem uma emergência, acidente, alguma coisa que você tem emergencial, seu parente é seu vizinho. Sem dúvida nenhuma, em todos os tempos [E9].

A assertiva *“é impossível você não lidar com seu vizinho”* [E9] fundamenta-se na condição de proximidade física e de território compartilhado que condiciona a vizinhança. Nessa lógica, o entrevistado constata que esse contato predispõe uma convivência fundamentado na afirmação de que *“você vê todo dia ele (o vizinho)”*. Essa percepção e o trecho *“quando você tem uma emergência, acidente, alguma coisa que você tem emergencial, seu parente é seu vizinho”*, compactuam com as discussões realizada por Santos (1985), que identifica em um bairro específico uma sociabilidade de moradores que se consideravam uma grande família, predisposição para a sociabilidade, onde há um reconhecimento de comunidade e prestação de auxílio mútuo nos momentos de necessidade.

No entanto, não necessariamente a proximidade física produz um vínculo afetivo, o entrevistado E6 elucida que:

Aqui em Viçosa, são as pessoas novas e as pessoas velhas, aí não é aquele 'trem' que você vai ter uma afinidade com esse tipo de pessoa (os moradores de Viçosa) porque não tem nada em comum pra ligar, pra ter essa proximidade entre as pessoas. Por isso que a gente não tem muito contato [E6].

É notório que a questão da afinidade para o entrevistado é um ponto importante para que o relacionamento ocorra, nesse sentido, justifica-se a falta de contato com os moradores de Viçosa através da assertiva “*não tem nada em comum pra ligar*”, validando que é a partir da identificação com o outro, pelas características comuns e estilos de vida semelhantes que cria-se uma estrutura social e um reconhecimento mútuo. Com isso, os moradores de Viçosa por não pertencerem a identidade compartilhada pelos estudantes, ainda que compartilhem de um mesmo espaço estando próximos fisicamente, não são envolvidos no seu ciclo de sociabilidade.

Eu lá em Timóteo (cidade de origem), conheço os meus vizinhos, porque minha família tá lá tem 40 anos. Aí a família que mora em uma casa atrás, uma das filhas estudou com minha mãe na faculdade, é muito disso... o pessoal se conhece bem, é muito antigo. E são várias faixas etárias, tem gente mais velha, tem gente novo... [E6]

Em outra vertente, o mesmo entrevistado afirma que na casa onde sua família reside, ele conhece os vizinhos ainda que sejam de várias faixas etárias, respaldado pelo argumento do tempo de permanência no espaço, percebido pela premissa “*porque minha família tá lá tem 40 anos*”, reforçando a importância temporal para a criação de laços sociais fortes e relações afetivas. Compreende-se que na medida em que os indivíduos se conhecem e convivem durante um determinado tempo, compartilham de um passado semelhante, desenvolvem laços de identidade, lembranças, apegos, aversões (ELIAS, 2000) contribuindo para a constituição de um grupo coeso onde todos se conhecem.

Com isso, podemos constatar que o enfraquecimento dos laços do estudante com os moradores de Viçosa é resultado da fraca coesão social, por serem “novos residentes” não há o compartilhamento de um passado semelhante, contribuindo para a ausência de uma identidade comunitária e relações cotidianas com o vizinho. Fato que se intensifica pela circunstância dos estudantes estarem

de passagem no local, pois em geral se mudam provisoriamente para a cidade devido às atividades acadêmicas.

Na cidade que a gente mora, até a idade que eu tenho, eu não sou eu, eu sou o filho de fulano, eu sou o filho de ciclano, então eu tenho que seguir aquele nome né, minha mãe meu pai, todo mundo respeita dessa forma e tal, então eu não sou o *(nome do entrevistado)*, eu sou filho de fulano. Tanto que quando alguém apronta assim na cidade, bebeu e bateu o carro, “ah, o filho de fulano que fez isso”, não é a pessoa que fez... Aqui não, aqui sou eu mesmo. Lá eu levo o nome da família, aqui não. Aí a pessoa “ah você é o filho de *(nome do pai do entrevistado)*” ... aí já tem aquela receptividade, já espera coisa boa ou já espera coisa ruim... lá o preconceito que tem é o nome da família né, e aqui é você morar em república, que não é uma coisa boa [E5].

De acordo com o entrevistado E5, quando se está em um local que há um reconhecimento mútuo, como ocorre na cidade de origem onde a família reside, há uma referência que contribui para uma identificação, retratado pela assertiva, “*lá eu levo o nome da família, aqui não*”, ou seja, percebe-se que há uma associação com os valores que a família representa naquela sociedade. Ao se mudarem para outra cidade, nesse caso, para Viçosa, o estudante perde a referência que contribui para seu reconhecimento, e ainda, o entrevistado aponta que “*lá o preconceito que tem é o nome da família né, e aqui é você morar em república, que não é uma coisa boa*”, atribuindo o estigma de morar em república como um impedimento de sociabilidade com os vizinhos.

4.7. Sugestões para o enfrentamento dos conflitos

As sugestões elencadas para que haja uma convivência amistosa entre as repúblicas que fazem festas e os moradores de Viçosa podem ser compreendidas a partir de duas perspectivas, uma de ordem comunitária e outra segregacionista.

Em relação à primeira perspectiva, foi pautada tanto pelos moradores de república quanto pelos nativos a necessidade de se ter um consentimento, uma maior compreensão e uma aproximação entre os dois grupos.

Eu acho que é questão da compreensão do problema do vizinho, e o vizinho ter a compreensão da república. O estudante quer ter o lazer dele, ele tem o grupo dele, os amigos dele, ele quer fazer um churrasco, quer fazer uma festa... só que ele tem que entender que a festa dele não pode

estar prejudicando o vizinho do lado, pode ter uma pessoa doente, pode ter uma criança pequena que precisa de dormir, porque barulho faz com que a criança fique chorando a noite inteira... essa compreensão a pessoa tem que entender, e saber que o horário de festa é até 'x horas', depois daquela hora é silêncio, a pessoa tem que descansar [E1].

O ponto de vista do entrevistado é concomitante ao que é estabelecido pelo Direito da Vizinhança, que concebe que para que haja uma convivência amistosa é necessário entender que o direito de um indivíduo vai até onde começa o direito do outro. Dessa forma, nesse contexto é necessário que os nativos compreendam que os estudantes precisam ter o lazer deles e em contrapartida os estudantes devem ter um bom senso de que as festas precisam de um horário limite para encerrar, levando em conta o sossego e o descanso dos vizinhos, pois como garantido pelo Código Civil (artigos 1.277 a 1.313) todo indivíduo tem direito a uma tranquilidade relativa.

Assim como um pai e um filho adolescente se resolvem com diálogo, com regrinhas, a cidade e os estudantes precisa de diálogo e regrinhas, eu acho que isso resolveria grande parte dos problemas [E2].

Outro ponto elencado é o diálogo e a elaboração de “regrinhas” entre os dois grupos. Em uma das entrevistas, um morador de república fez referência a um acordo judicial feito com os vizinhos que reclamavam do barulho e das festas. O desfecho do acordo é que os moradores da república só poderão realizar festas em quatro datas no ano, previamente estipuladas e avisadas, sendo o aniversário da república como uma dessas datas.

Nessa perspectiva de acordos que possuem respaldo jurídico, na entrevista com o morador E13 é mencionada a existência de um regimento interno, que vigora as regras do prédio, possuindo cláusulas que conferem multas de até um salário mínimo para aquelas residências que tiverem perturbando o sossego dos moradores dos apartamentos vizinhos. Regimento que, de acordo com o entrevistado e ex-síndico do prédio é entregue diretamente para todo novo morador do prédio.

Eu acho que o caminho hoje seria a retomada por parte dos estudantes das repúblicas, em aproximar um pouquinho mais dos seus vizinhos,

voltar isso que é muito importante, porque o indivíduo sente respeitado (...) então essa aproximação seria muito importante, simples, um “como é que vai”, “tudo bom”, “bom dia”, “olha eu sou fulano vim de tal cidade”(…) Mas eu acho que essa relação humana está muito deteriorada [E9].

A assertiva “*aproximar um pouquinho mais dos seus vizinhos*” reflete que para entrevistado esta seria uma prática importante na medida em que, a partir disso o indivíduo se sentiria mais respeitado, argumento que evidencia a importância de estabelecer vínculos com aqueles que estão próximos fisicamente para que haja uma convivência e conseqüentemente evitar conflitos. Com isso, percebe-se que a sociabilidade entre os moradores nativos e os de república seria uma solução para as divergências, no entanto, o entrevistado aponta que “*essa relação humana está muito deteriorada*”, que traduz bem a ideia acerca da modernidade e do crescente individualismo, que provoca o enfraquecimento das relações íntimas e afetivas.

A outra perspectiva concerne em um pensamento segregacionista, esta aparece exclusivamente no discurso dos moradores de república e é totalmente antagônica às propostas acima, pois não considera a convivência entre estudantes e moradores de Viçosa como uma possibilidade. É uma concepção que se assemelha aos *ghetos* estudados pela Escola de Chicago que eram as comunidades marginalizadas e segregadas no Estados Unidos.

O que daria certo: reservar um bairro para estudante... reserva um bairro para estudante e bota o bairro dos mais chatos em um outro canto, no meio, as pessoas que não tem problema e a gente (estudantes), aí dá tudo certo. Porque eu acho que é uma coisa que não vai sair dele entendeu, de quem é nativo, eu acho que é uma coisa que sempre vai incomodar eles [E7].

Na fala acima percebe-se que a vantagem em se ter um bairro só para estudantes é separá-los dos “*mais chatos*”, ou seja, dos moradores que reclamam das repúblicas. Compreende-se que os moradores nativos, na percepção do entrevistado, são definidos como o grupo desviante da ordem que é estabelecida pelos estudantes, sendo necessário, de acordo com a assertiva “*reservar um bairro para estudante*”.

Na lógica de conflito da constituição do espaço citadino compreende-se que a incompatibilidade de uso do espaço devido ao encontro da diversidade, intensificado pelo individualismo, pode suscitar em uma segregação. Fundamentado pela concepção de que “*é um coisa que sempre vai incomodar eles (os nativos)*” [E7], a fala elucida que ao invés de uma tentativa de um convívio harmônico se torna mais conveniente evitar o contato entre os nativos e os moradores de república.

4.8. A lei que regulamenta os eventos em Viçosa

O município de Viçosa desde o ano 2013 dispõe da lei N°2.287 para a regulamentação dos eventos de Viçosa, afim de combater a poluição sonora e a perturbação da ordem e do sossego dos cidadãos.

O morador de república E2 aparece como o representante das repúblicas nas notícias da Câmara de Viçosa quando o projeto de lei estava sendo desenvolvido. O mesmo relata que esse projeto de lei foi desencadeado a partir de uma reclamação realizada por ele ao presidente da Câmara dos Vereadores da época. A reclamação foi instituída em função do impedimento da realização de uma festa em sua república e respaldado pelo discurso de possuir direito ao lazer em sua própria casa, o entrevistado afirma que se sentiu injustiçado e sem representatividade em Viçosa quando o fato ocorreu

Cheguei na sala dele (presidente da câmara) (...) aí ele me atendeu na hora, super prontamente. Aí eu expliquei a situação, que barraram uma festa lá em casa, que não era uma festa com fins lucrativos, que eu achei isso uma invasão muito grande do meu direito a diversão (...) e eu ficava me sentindo muito injustiçado, porque eu não votava em Viçosa e tava me sentindo uma pessoa que não era representada. Eu achei uma violação sim dos meus direitos. Os caras me barraram de fazer uma coisa na minha casa? Eu não tava concordando com aquilo não. (...) Aí ele falou “a gente tem que sentar e conversar, com um representante polícia, um representante dos eventos, um representante das repúblicas, um representante da prefeitura, um representante de não sei o que.... Porque realmente festa aqui é um problema e a gente precisa chegar em um consenso com todo mundo pra gente resolver” [E2].

O entrevistado relata que após um tempo foi marcado uma audiência pública que possuía no mínimo 10 representantes de diversos órgãos, onde foi debatido

além do tema das festas que ocorrem na cidade, outros fatores que estão diretamente ou indiretamente relacionado com esses eventos, como o trânsito e a segurança.

A audiência gerou alguns encaminhamentos, dentre eles a lei para regulamentar os eventos de Viçosa. O entrevistado brinca que *“toda essa movimentação aconteceu porque o cara não deixou eu fazer uma festa no meu terraço”*.

Em relação especificamente às festas de república, foi sancionado que:

Art. 26. Em todos os casos, inclusive em festas realizadas em imóveis residenciais, deverão ser cumpridas as disposições previstas no Título VII (Da Ordem, do Decoro e do Sossego Públicos) da Lei nº 1.574/2003 (Código de Posturas do Município).

§1º -Independentemente de tratar-se de festa ou evento autorizado ou não, o locatário do imóvel responderá pelas penalidades previstas nesta lei e pelas penalidades por perturbação ao sossego previstas no Código de Posturas (Lei nº 1.574/2003).

§2º - A partir da segunda infração a que se refere o parágrafo anterior, o locatário, o proprietário do imóvel, a administradora do imóvel e o mandatário com poderes de administração do imóvel no qual tenha lugar a infração, responderão solidariamente e em conjunto pelas penalidades previstas nesta lei e pelas penalidades por perturbação ao sossego previstas no Código de Posturas (Lei nº 1.574/2003).

Art. 27. A empresa promotora do evento e seus sócios serão responsáveis por reparar os danos ao patrimônio público ocorridos no entorno do evento.

(MINAS GERAIS. Prefeitura Municipal de Viçosa, LEI Nº 2.287/2013)

Outro decreto estabelecido foi de que para eventos que ultrapassem 200 pessoas, independente se for com ou venda de ingresso, é necessário a autorização da Prefeitura de Viçosa diante de um Alvará de Autorização expedido pelo organizador do evento. Decreto que serviu de pretexto para o cancelamento de uma festa em república, o entrevistado relata que:

A vizinha chamou um policial para ir pra porta da festa, ela não tava preocupada se ia incomodar ela, ela tava com a missão de não deixar ter a festa. Aí ela foi e ficou com um policial na porta da festa contando as pessoas que entraram, tinham cento e tantos nomes na lista no dia da festa, só que foram mais pessoas, que pagaram na hora. Na hora que deu 200 pessoas e 1, o policial foi lá e fechou a festa... a gente não imaginou que ela tava contando assim não, a gente achou que “ah, ela deve tá lá pra vê se vai ‘quebrar o pau’ ou não”, tipo assim, você vai imaginar que

um policial vai ficar na porta de uma casa para contar quantas pessoas entrou na casa? [E6]

Através desse discurso, podemos analisar que, mesmo sabendo que houve uma infração na lei, o entrevistado atribui à vizinha a culpa para o encerramento da festa, afirmando que *“ela não tava preocupada se ia incomodar ela, ela tava com a missão de não deixar ter a festa”*, ou seja, na sua concepção, ao seguir a lei, a proposta principal da moradora não estava fundamentada no incômodo ou no barulho que a festa poderia causar e sim no simples fato de ser uma pessoa intolerante a festas de república.

Hoje em 2018 já teve muitos anos da lei em prática, ela pode ser ajustada inclusive com algumas coisas assim, de 2012 pra cá a quantidade de estudantes aumentou, a dinâmica da cidade mudou, algumas coisas deram errado e precisam ser mudadas. Eu acho que foi bom colocar um limite e um caminho a ser seguido, mas acho que todo caminho precisa de ajustes, então depois desse tempo já ela precisa ser reformulada sim [E2].

Ainda sobre a lei instituída, na visão do entrevistado que participou da discussão como representante das repúblicas, é necessário que haja outras audiências públicas para que a lei seja revista tendo em vista a mudança da dinâmica da cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu averiguar a percepção e o uso do espaço dos moradores de Viçosa e dos moradores de repúblicas estudantis, que estão condicionados a compartilharem um território urbano, sendo o foco do estudo a relação de sociabilidade estabelecida através da vizinhança. Ainda que no estudo tenhamos nos limitado à concepção dos indivíduos que tiveram conflitos com seus vizinhos decorrente à perturbação do sossego, as conclusões percebidas favorecem a reflexão sobre a realidade de Viçosa como um contexto peculiar de encontro da diferença, que ocasiona vínculos e sentidos de uso que traduzem uma sociabilidade precária no espaço citadino.

Constata-se que o desenvolvimento econômico da cidade ocorre principalmente em torno da universidade, que se localiza na região central, servindo de referência para a representação espacial da cidade Viçosa para os estudantes. Como resultado e sustentado pela ausência de vínculos, percebe-se a relação quase efêmera desses indivíduos com a cidade e com os demais moradores de Viçosa.

Verifica-se que a presença desses jovens, estudantes universitários, que se mudam provisoriamente para a cidade em virtude das atividades acadêmicas, confere uma dinâmica de fluxo migratório específico no espaço urbano, e tendo em vista que a cidade de Viçosa abriga uma Universidade renomada, essa situação se torna constante. Constata-se que o uso do espaço por esses indivíduos é permeado por uma condição de autonomia e liberdade perante o controle dos pais e aliado ao espírito de juventude, as práticas de sociabilidades são marcantes na rotina dos estudantes, que muitas vezes é traduzida por eventos festivos.

Por conseguinte, a república estudantil, que representa o espaço físico dos estudantes universitários na cidade, torna-se um local de referência para a realização dessas confraternizações e simbolicamente oportuno para colocar em xeque alguns preceitos até então reprimidos pelo ambiente familiar, visto que há um *script* nesses ambientes que não reprime ou condena comportamentos que até

então eram considerados desviantes e repreendidos pela sociedade. Com isso, esse espaço é marcado pelo afastamento das normas socialmente estabelecida e possui um sentido de uso que aceita atitudes que permitem a perturbação da ordem cidadina.

Comprovou-se que de fato há uma incompatibilidade de uso do espaço entre os moradores de Viçosa e os moradores de república, visto que a prática de realização de confraternizações nas residências estudantis causa a perturbação do sossego dos moradores vizinhos, incômodo que se relaciona não ao evento em si, mas à extrapolação dos limites que são considerados socialmente estabelecidos. Nesse sentido, a maneira como os espaços de república são utilizados não é legitimada pelos moradores de Viçosa, suscitando em uma socialização precária e um falta de integração local.

Desse modo, percebe-se que é atribuído um estigma ao estudante universitário em Viçosa, de ser um grupo que ameaça a ordem estabelecida, e ainda que, por ser caracterizada como uma cidade universitária e precisar dos estudantes para a movimentação da economia local, isso não é condicionante para a receptividade de comportamentos que põe em xeque o sentido de uso dos moradores nativos. Quanto aos os moradores de república, por se considerarem importantes para o desenvolvimento da cidade, espera uma aceitação dos comportamentos praticados.

Constata-se que o contexto de Viçosa é representativo na medida em que fornece subsídio para a percepção de uma cidade que, devido à dificuldade de conviver com a diferença, se desintegra. As relações de vizinhança marcadas pela incompatibilidade do uso do espaço e intensificadas pelo individualismo moral, estabelece uma falta de reciprocidade e solidariedade entre vizinhos. Com isso, problemas de convivência surgem com facilidade, na medida em que há uma falta de compreensão acerca “do outro”, que está próximo fisicamente, mas distante socialmente e de considerar a ordem coletiva e a identidade comunitária como algo importante.

A falta de reciprocidade moral põe em xeque o princípio do Direito da Vizinhança, que pressupõe um sacrifício do indivíduo compensado pela convicção

de que o outro também estará se sacrificando pelo bem coletivo. Por isso, mostra-se necessário uma intervenção para encurtar essa distância social e reinventar vínculos comunitários, considerando que os conflitos estudados afetam substancialmente a qualidade de vida e o bem-estar dos moradores nativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. 1. reimpr ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania, p. 37 – 72, 97-128, 2008.

ALMEIDA, Alexandre Paz. *Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa-PB*. Ponto Urbe [Online], 9 | 2011, Disponível em: < <http://journals.openedition.org/pontourbe/>>. Acesso em: 20 de out. 2017.

ALMEIDA, Cecília Calhau. *Vou À Rua: Centro Urbano E Centralidades Do Município De Viçosa-Mg*. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 8ª Ed. 2010.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. B. *Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária*. In: X Congresso Nacional De Educação - EDUCERE, Curitiba, 2011.

BASSO, Jussara; LAY, M. C. D. *Fatores que afetam o desempenho e apropriação de ruas e espaços abertos públicos de lazer*. In: IX Encontro Nacional De Tecnologia Do Ambiente Construído. Foz do Iguaçu – Paraná. p. 1069 – 1078, 2002.

BAUDER, Harald. *Neighbourhood Effects and Cultural Exclusion*. In: Urban Studies, Vol. 39, No. 1, 85– 93, 2002 Disponível em: < <http://usj.sagepub.com/cgi/content/abstract/39/1/85>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____ (1925) *Confiança e medo na cidade* / Zygmunt Bauman; tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Tradução de Maria Luiza X. de Borges. Revisão técnica Karina Kuschnir. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BERMAN, Marshall. *Introdução; Marx, Modernismo e modernização*. In: Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade, p.15-41, 99-137. 1982.

BEZERRA, A. C. A. *Festa e Cidade : Entrelaçamentos e Proximidades*. In. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 23, p. 7-18, JAN./JUN. 2008.

BONOMI, P. E.; JONATHAN, Eva; LEVY, Lídia. *Conflitos entre vizinhos*. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2010/relatorios/ctch/psi/PSI-Priscyla_Bonomi.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Papirus, 1997.

- BRITTO, Sulamita de; MARX, Karl. *Sociologia da juventude: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, v.1, 1968.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: UFSC, 1999.
- CARDOSO, Rafael Said Bhering. *Poluição Sonora E Organização Espacial Das Festas No Município De Viçosa – Mg*. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2011.
- CARNEIRO, V. C. V. *A Análise do Discurso como instrumento de pesquisa para os estudos em Sustentabilidade*. In: III Encontro De Ensino E Pesquisa Em Administração E Contabilidade. João Pessoa –PB. 2011.
- CARRIERI, A. P.; LEITE-DA-SILVA, A. R.; SOUZA, M. M. P.; PIMENTEL, T. D. *Contribuição da Análise do Discurso para os Estudos Organizacionais*. Economia e Gestão. v.6, n.12, 2006.
- CHERHIRE *et al.* *Neighbourly problems in neighbourhood context: Understanding how neighbourhoods influence the prevalence of neighbourly problems and complaints*. In: RC21 Conference, seção 'How much do urban neighbourhoods matter in a networked globalised space?' Berlin, 2013.
- COLARES, André Felipe Vieira. *Sobre Ocultos E Indizíveis: Idosos (não vistos, mas que tudo veem) e sociabilidade – um estudo na Praça Sete de Belo Horizonte*. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- CORREA, R. L. *A dimensão cultural do espaço: alguns temas*. Espaço e cultura, ano 1, 1995. Disponível em: <<http://www.nepec.com.br/2lobato.pdf>> . Acesso em: 12 dez. 2017.
- CRESWELL, John E. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto*. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha – 2 ed. – Porto Alegre: Arimed, 2007.
- DA MATTA, Roberto. *O Ofício de Etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues"*. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- DAMIANI, Andrei et al. *Vida De Estudante: O Universo Das Repúblicas*. In: XVI Prêmio Expocom, Limeira, SP. 2009.
- DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. In: Revista Brasileira de Educação. n.24, p. 40-52, set/out/nov/dez, 2003.
- DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1987.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: volume 1*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2000.
- FARIAS, Tadeu Mattos; PINHEIRO, José Q. *Vivendo a vizinhança: interfaces pessoa-ambiente na produção de vizinhanças "vivas"*. In: *Psicologia em Estudo*,

Maringá, v. 18, n. 1, p. 27-36, jan./mar. 2013. Disponível em: < <http://ref.scielo.org/2rdydm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

FÁVERO, Osmar. *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília, DF: SECAD, UNESCO, p.13 – 92, 155 – 178, 2007.

FERREIRA, Luiz Felipe. *O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar*. In: Revista Espaço e Cultura, n. 15 (2003). Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7729/5584>>. Acesso em: 25 out. 2017.

FRÚGOLI Junior, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GARRIDO, Edleusa Nery. *A Experiência da Moradia Estudantil*. 2015

Universitária: Impactos sobre seus Moradores. In: Psicologia: Ciência E Profissão, 35(3), p. 726-739, 2015. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001142014>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

GARRIDO, Edleusa Nery; MERCURI, Elizabeth N. G. da S. *A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional*. In: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 17, Número 1, p. 87-95, jan-jun, 2013: Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v17n1/a09v17n1.pdf>> . Acesso em: 30 jan. 2018.

GEVEHR, Daniel Luciano. *A crise dos lugares de memória e dos espaços identitários no contexto da modernidade: questões para o ensino de história*. In: Revista Brasileira de Educação v. 21 n. 67 out.-dez. p. 945 – 962, 2016.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade* /Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. *A constituição da sociedade*. / Anthony Giddens : tradução Alvaro Cabral, - 2 ed. - Sao Paulo: Martins Fontes, 2003.

HEIDRICH, Álvaro. *Vínculos Territoriais – Discussão Teórico Metodológica Para O Estudo Das Territorialidades Locais*. In: GEOgraphia. Niterói, Universidade Federal Fluminense. ISSN 15177793 (eletrônico). Vol.19, No39, jan./abr. 2017

HONÓRIO, Leticia de Melo. *A Produção Do Espaço Em Uma Cidade Universitária: o caso de Viçosa, MG*. 130 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)

Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa>> Acesso em maio. 2018.

KEARNS, Ade; PARKINSON, Michael. *The Significance of Neighbourhood*. Urban Studies, Vol. 38, No. 12, p.2103–2110, 2001. Disponível em: < <http://usj.sagepub.com>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

KEENE, Danya; BADER, Michael; AILSHIRE, Jennifer. *Residential Tenure, Social Support and the Contingent Effects of Neighborhood Context*. In: Population

Association Of America Meeting, 2010. Disponível em: <<http://www.http://paa2011.princeton.edu/papers/111061>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, Rogério P. *Contra-usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. 2ª ed. Campinas/São Cristóvão: Editora Unicamp/Ed.UFS, 2007.

LEVY, Lidia; JONATHAN, Eva Gertrudes; CARVALHO, Luis Gustavo Grandinetti Castanho de; PINHO, Humberto Dalla Bernardino de. *Mal-estar contemporâneo e conflitos entre vizinhos*. In: Revista Mal estar e Subjetividade - Fortaleza - Vol. XI - Nº 3 - p. 1019-1036 – set, 2011.

LOPES, Andiara Valentina de Freitas e. *Condomínios Residenciais: novas faces da sociabilidade e da vivência de transgressões sociais*. 330 f. Tese (Doutorado) - Curso de Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MASSEY, D. *Um sentido global do lugar*. In : ARANTES, A. A. (org.) *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus Editora, p. 176-184, 2000.

MELLO, João B. F. DE. *Símbolos Dos Lugares, Dos Espaços E Dos “Deslugares”* In: Revista Espaço E Cultura, Uerj, RJ, EDIÇÃO COMEMORATIVA, p. 167-174, 1993-2008 Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6145>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MELLO, Fabricio Mateus de. *O indivíduo em Charles Taylor*. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2017.

MUSTERD, Sako; ANDERSSON, Roger. *Employment, Social Mobility and Neighbourhood Effects: The Case of Sweden*. In: International Journal of Urban and Regional Research. Volume 30.1 P. 120–40 March 2006 Disponível em: < <https://doi.org/10.1111/j.1468-2427.2006.00640.x>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. 1 ed., 3. reimpr. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania, p. 89-130, 2011.

OLIVEIRA, Alini Nunes de; CALVENTE, Maria Del C. M. H. *As múltiplas funções das festas no espaço geográfico*. In: INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 13, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2012. Disponível em: < <http://ref.scielo.org/6xq2s6>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

OLIVEIRA, CL. *Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características*. Revista Travessia: educação, cultura e arte, 2009.

OLIVEIRA, Marcelo José. *Entre Amigos: Antropologia da homosociabilidade masculina em camadas populares na periferia metropolitana da Grande Florianópolis*. 196 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

PARK, 1938 *Park, Robert E. 1938. "Introduction."* In *An Island Community: Ecological Succession in Hawaii*, by A. Lind, ix-xvi. Chicago: University of Chicago Press.

PARK, Robert E. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: VELHO, Otávio G. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro. p. 25-66. 1967

PARKER, Stanley. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PASQUOTTO, Geise Brizotti. *City Marketing: Seus Elementos De Produção E Venda Do Espaço*. In: II COLÓQUIO [INTER] NACIONAL. 2008. Disponível em: <<http://www.labcom.fau.usp.br/?evento=ii-cincci>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

POLLICE, F. O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local. Tradução de Andrea Galhardi de Oliveira, Renato Crioni, Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira. *Espaço e cultura*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 7-23, jan./jun. 2010.

RODRIGUES, Nádia Menezes de. *A organização do espaço urbano, segregação socioespacial e Plano diretor na cidade de Viçosa, MG (1996-2005): o caso do bairro Maria Eugênia e Centro*. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

ROSENVALD, Nelson. *Direitos reais*. 3.ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2004.

SÁNCHEZ, Fernanda. *A Reinvenção Das Cidades Na Virada De Século:: Agentes, Estratégias E Escalas De Ação Política*. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 16, p.31-49, jun. 2001.

SANTOS, C. N. F.; VOGEL, A.; MELLO, M. S. (Org.) *Quando a rua vira casa: a apropriações de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. 2. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. *Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso*. In: *RAP* — Rio de Janeiro 46(2):547-76, mar./abr. 2012 Disponível em: <<http://ref.scielo.org/mq7x34>> . Acesso em: 10 jan. 2018.

SARTI, C. A. *O jovem na família: o outro necessário*. In R. NOVAES & P. VANNUCHI (Org.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAYEGH, Liliane. *Estudantes universitários, repúblicas estudantis e vitalidade do centro histórico em ouro preto*. In: III Seminário Internacional Urbicentros, Salvador. 2012.

SCHNEIDER, Livia Amaral. *Os impactos da indústria do entretenimento na economia norte-americana*. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Douglas Mansur da. *Fronteiras Urbanas e Cidadania: tensões e diálogos (Im)possíveis*. In: D. T. de SOUSA & W. B. BATELLA (Org.), *Cidades territórios e direitos*. Fundação de amparo a pesquisa do estado de minas gerais. Viçosa, MG: UFV, 2017.

SIMMEL, George. *As grandes cidades e a vida do espírito (1903)*. *Mana* v.11 n.2 Rio de Janeiro out. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>> Acesso em: 05 dez. 2018.

_____. *Questões fundamentais da sociologia: individuo e sociedade (1917)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUSA, Diogo Tourino de; *Cidade, República e Democracia*. In: D. T. de SOUSA & W. B. BATELLA (Org.), *Cidades territórios e direitos*. Fundação de amparo a pesquisa do estado de minas gerais. Viçosa, MG: UFV, 2017

STOLCKE, Verena. *Gloria o maldición del individualismo moderno según Louis Dumont*. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, V. 44 N° 2. 2001.

VIALLI, Joalex. *O imaginário da cidade: percepção espacial dos estudantes da Universidade Federal de Viçosa e da população de Viçosa*. 54 f. Monografia - Curso de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa – MG, 2006.

ZACCHI, Raquel Callegario. *Processo de verticalização da área central da cidade de viçosa (MG) (1970-2007)*. 116 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.

ANEXO A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1) Moradores nativos

- Nome, idade, sexo, naturalidade, profissão

IDENTIFICAÇÃO, PERTENCIMENTO, PERCEPÇÃO DO LOCAL

- Qual é sua rotina aqui em Viçosa? Qual é o trajeto que você usualmente percorre no seu dia a dia?
- Quais são as ruas, os locais que você mais frequenta?
- O que geralmente você faz no seu tempo livre ou final de semana?
- Como você caracteriza a cidade de Viçosa? Tamanho, paisagem, comércio...
- Quando viaja ou passa alguns meses fora, o que você sente mais falta de Viçosa?
- Como você descreveria a cidade de Viçosa para alguém que não a conhece?
- O que você gosta e o que você não gosta na cidade?

RELAÇÃO DE VIZINHANÇA

- Há quanto tempo mora em Viçosa?
- Onde você mora atualmente? Há quanto tempo mora na atual residência?
- Quem mora com você?
- Quem você conhece na vizinhança?
- Você acha importante conhecer seus vizinhos?
- Qual é a frequência que você vê seus vizinhos? E como é essa relação?
- Você já precisou pedir auxílio para alguma dessas pessoas? E se precisasse pedir, para quem você pediria?
- Para você, o que seria um bom vizinho?
- Há algum grupo virtual (Facebook, WhatsApp...) do prédio/da vizinhança? Ou alguma associação, convenção, representante do bairro?

PRESENÇA DOS UNIVERSITÁRIOS NO ESPAÇO URBANO

- Em quais ambientes você geralmente tem contato com estudantes universitários?
- Qual é a visão que você tem dos universitários com a cidade?
- O que você acha sobre a convivência com as repúblicas?
- Conte um pouco mais sobre o ocorrido com a república que o incomodou e como você tentou resolver a situação
- Você acha que foi um incômodo intolerável? Por quê?
- Você chegou a pensar em se mudar por conta disso?
- Tiveram outros moradores que reclamaram do barulho?
- Quando você se mudou, já existia essa república? Se não, como era a vizinhança antes dessa república?
- Porque você acha que os estudantes agem dessa forma nas repúblicas?
- Você acha que uma conduta desse tipo, desses jovens caso não haja uma “punição” ou algo do tipo, pode levá-los a cometerem delitos ou comportamentos mais graves futuramente?
- O que você acha que pode resolver esse problema de festas em repúblicas?
- Você já teve algum outro tipo de conflito com estudantes?

2) Moradores de república

- Nome, idade, sexo, naturalidade, profissão

IDENTIFICAÇÃO, PERTENCIMENTO, PERCEPÇÃO DO LOCAL

- Qual é sua rotina aqui em Viçosa? Qual é o trajeto você usualmente percorre no seu dia a dia?
- Quais são as ruas, os locais que você mais frequenta?
- O que geralmente você faz no seu tempo livre ou final de semana?
- Como você caracteriza a cidade de Viçosa? Tamanho, paisagem, comércio...
- Quando você volta para casa, o que você sente mais falta de Viçosa?
- Como você descreveria a cidade de Viçosa para alguém que não a conhece?

- O que você gosta e o que você não gosta na cidade?

RELAÇÃO DE VIZINHANÇA

- Em qual ano você veio para Viçosa?
- Porque você optou por morar em república?
- Quando você veio para Viçosa seu intuito era de morar em uma república que fazia festas?
- Há quanto tempo mora na atual residência ou por quanto tempo você morou na república? Há quanto tempo ela existe?
- Quantas pessoas moram/moravam com você?
- Você acha importante conhecer e socializar com os vizinhos? Por quê?
- O que você acha que é importante para que essa socialização e esse contato aconteça?
- Quem você conhece na vizinhança?
- Qual é a frequência que você vê seus vizinhos? Como é essa relação?
- Você já precisou pedir auxílio para alguma dessas pessoas? E se precisasse pedir, para quem você pediria?
- Antes de vir para cá, você morava com seus pais?
- Na casa dos seus pais, você conhecia ou tinha contato com algum vizinho?
- Para você o que seria um bom vizinho?
- Há algum grupo virtual (Facebook, WhatsApp...) do prédio/da vizinhança?

RECLAMAÇÃO DO(S) VIZINHO(S) FRENTE À REPÚBLICA

- Como que você acha que é percepção dos moradores nativos frente as repúblicas?
- Conte um pouco mais sobre o conflito com o vizinho que ficou incomodado com a festa na sua república
- O que você acha que o levou a agir dessa forma?
- Como você tentaria resolver essa situação?
- Vocês pensaram em se mudar por conta desse conflito?
- Vocês acham que realmente extrapolaram do considerável “aceitável” ou acharam que a festa daria problema?

- Tem outras repúblicas na vizinhança, se sim, elas se incomodam com o barulho?
- Com qual frequência vocês fazem festa e por quais motivos? A república sempre fez festa?
- Você acha que festas em repúblicas são mais atrativas? Por quê?
- Quando você veio para Viçosa, seu intuito já era morar em uma república nesse estilo?
- Como é morar em um lugar que ocasionalmente tem uma grande quantidade de pessoas desconhecidas?
- Você já se sentiu constrangido ou incomodado por conta disso?
- Quando vocês fazem festa, vocês sentem que estão infringindo alguma lei?
- Você tem conhecimento das leis que proíbem festa/barulho?
- Você já teve outros conflitos com outros moradores da cidade?
- Como você acha que deveria ser resolvida essa situação conflituosa, onde ambos os lados ficariam satisfeitos?